



ELIENNE MÁRCIA DE LIMA SANTOS

**Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Colegiado de Pedagogia,
Campus Sul e Sudeste do Pará - Núcleo
de Xinguara (PA), da Universidade
Federal do Pará, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciada
Plena em Pedagogia.**

Orientador: Marcelo Almeida Araújo

Xinguara

2005

FOLHA DE APROVAÇÃO

ELIENNE MÁRCIA DE LIMA SANTOS

**A (DES) VALORIZAÇÃO DO PROFISSIONAL PEDAGOGO, COMO RESULTADO
DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NA ÚLTIMA DÉCADA EM SÃO FÉLIX DO
XINGU**

Orientador: Marcelo Almeida Araújo

Banca Examinadora:

**Profº Especialista Marcelo Almeida Araújo
(Presidente)**

**Profª. Ms. Evandro da Costa Medeiros
(Membro)**

Data da Aprovação: ____/____/____

CONCEITO ATRIBUÍDO _____

DEDICATÓRIA

Ofereço este trabalho a minha família, por seu amor, por acreditarem em mim e me ajudarem a fazer o mesmo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, presença constante e serena, que me ampara nas dificuldades, pela coragem e fé que me transmite e pela importância de sua palavra e do seu amor em nossas vidas.

Agradeço a **minha família**, que sempre me deu forças e me ensinou a ter valores e responsabilidades, que hoje formam meu caráter e que souberam suportar minhas ausências com paciência e amor.

Agradeço a meus **amigos** da turma de Pedagogia, que compartilharam obstáculos, angústias e muitas alegrias.

Agradeço a meu orientador Professor **Marcelo Almeida Araújo**, que soube compreender minhas aflições e me incentivou a superá-las.

O amor é o sentimento por excelência. Feliz aquele que tem amplo amor por seus irmãos, porque não conhece nem a angústia da alma, nem a miséria do corpo; seus pés são leves, e vive como que transportado para fora de si mesmo.

(o Evangelho segundo o espiritismo)

RESUMO

Utilizei para esta pesquisa a abordagem qualitativa do tipo etnográfico, com profissionais que atuam na área da educação (diretores e coordenadores), através dos quais busquei investigar sobre a visão que possuem do curso de pedagogia, dos pedagogos e sobre a importância ou não do mesmo atuando na educação. Estes questionamentos surgiram a partir da observação do que vem ocorrendo no município de São Félix do Xingu, em relação ao referido curso. A relevância deste trabalho está na confirmação da perda de espaço e na desvalorização deste profissional, bem como na tentativa de se resgatar sua importância, visto ser uma profissão que faz a reflexão teórico-prática sobre a educação e que tanto tem a oferecer, tanto no âmbito escolar, quanto no extra-escolar, como formadora de opinião, que busca respostas às exigências externas, além das necessidades individuais, sendo que sua intervenção atinge também às exigências internas na formação do indivíduo, no âmbito pessoal, moral e na sua própria humanização.

Palavras-chaves: Pedagogia, Políticas educacionais, Desvalorização, Resgate de valores.

ABSTRACT

I used to this research the qualitative approach of the ethnographical kind, with professional that act in the area of the education (directors and coordinating), through which ones I sought to investigate about the vision that own of the pedagogy course, of the pedagogues and about the importance or not of the same acting in the education. These questions arose from the observation than comes occurring in the municipal district of São Félix do Xingu, regarding the referred course. The relevance of this work is in the confirmation of the space loss and in the devaluation of this professional, as well as in the attempt of if it rescue your importance, seen being a career that does the theoretician-practice reflection on the education and that so much has to offer, so much in the school scope, how much in the extra-school, like opinion former, which seeks answers to the external exigencies, besides the individual needs, and your intervention also reaches to the internal exigencies in the individual's formation, in the personal scope, morale and in your own humanization.

Words-key: Pedagogy, Educational politicises, Devaluation, Values ransom

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	9
CAPÍTULO 1. HISTÓRICO DO CURSO DE PEDAGOGIA -----	15
CAPÍTULO 2. O PROFISSIONAL PEDAGOGO -----	20
CAPÍTULO 3. AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS QUE NORTEIAM O TRABALHO DO PROFISSIONAL PEDAGOGO -----	23
CAPÍTULO 4. UM POUCO DA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE SÃO FÉLIX DO XINGU -----	28
4.1. Alguns dados sobre a educação no município -----	31
CAPÍTULO 5. A METODOLOGIA APLICADA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PESQUISA -----	34
CAPÍTULO 6. ANÁLISE DOS DADOS -----	38
CAPÍTULO 7. RETOMADA DAS HIPÓTESES E CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	67
REFERÊNCIAS CONSULTADAS -----	69
ANEXOS A - DOS ROTEIROS PARA ENTREVISTAS -----	70
ANEXOS B - DAS ENTREVISTAS COM COORDENADORES E DIRETORES -----	72

INTRODUÇÃO

O Curso de Pedagogia nas últimas décadas vem sendo alvo de inúmeras discussões, sejam relacionadas ao seu objeto de estudo, às suas especificidades ou à própria identidade dos pedagogos. Isto sem mencionar o fato de que historicamente passou por modificações que deixam dúvidas quanto ao seu objetivo. Seriam para melhorar a preparação de seus profissionais, ou para descaracterizá-la enquanto campo teórico-insvestigativo da educação, reduzindo os pedagogos a meros instrutores? Preocupada com este quadro, pretendi com esta pesquisa, trazer à baila a situação do pedagogo no município de São Félix do Xingu, tendo em vista não ser um fato isolado, mas um exemplo do que também ocorre em outros municípios.

Nossa sociedade contemporânea, segundo a organização do sistema capitalista, vem exigindo reestruturações tanto de ordem econômica quanto educacional, esta última, na medida em que se propõem reformas baseadas na qualidade do ensino e no desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, para que possa atuar na sociedade, e ainda atender às suas necessidades pessoais. Em

teoria, preconiza-se a idéia de um modelo de escola que atente para a organização do trabalho pedagógico e que possua profissionais com as qualificações necessárias para realizar estas atividades, com competência e eficiência. No entanto, o que ocorre com freqüência, é o desmantelamento de nossa educação, cujos programas educacionais adotados a nível nacional, são muitas vezes, baseados em modelos utilizados em outros países, ou propostos/impostos por organizações internacionais, como os grandes bancos financiadores de muitos dos nossos programas educacionais. As políticas educacionais então, demonstram a imensa afinidade com o setor privado e enorme abismo com o setor público. Neste contexto, o curso de Pedagogia, vem sendo afetado diretamente, pelas intervenções e modificações políticas, provocando debates de organizações e educadores preocupados com os constantes abalos que o curso vem sofrendo no decorrer dos anos, sendo assim, neste trabalho, procurei confrontar os dados obtidos na pesquisa, com a obra de vários autores, que contribuíram enormemente para a ampliação da discussão desta problemática, como: José Carlos Libâneo, doutor em Filosofia e História da Educação pela PUC de São Paulo, atualmente professor na Universidade Católica de Goiás. Estudioso das áreas de Teoria da Educação, Didática e Organização do Trabalho Escolar, autor de vários livros, dentre os quais, *Pedagogia e pedagogos para quê?* Em que se posiciona ao lado dos pedagogos, da especificidade dos estudos pedagógicos e da formação do profissional pedagogo que faz reflexão teórico-prática sobre a educação e o ensino, trata ainda, da identidade do pedagogo, da formação continuada e da importância da Pedagogia no contexto das novas realidades do mundo atual. Outra autora utilizada foi Carmem Sílvia Bissolli da Silva. Pedagoga, que em 1980 integrou o grupo que desencadeou o Movimento Nacional Pró-Participação na Reformulação dos Cursos de Pedagogia e Licenciaturas,

ingressando também no corpo de professores pesquisadores da UNESP, em Marília, onde desenvolveu atividades junto ao Departamento de Administração e Supervisão Escolar. Atualmente, é docente da disciplina Organização da Educação Básica no Curso de Pedagogia, presidindo a Comissão de estágios das habilitações deste. Em 1998, passou a integrar o Grupo de Trabalho sobre Pedagogia (GT:Pedagogia) que é vinculado ao Congresso Estadual Paulista sobre formação de educadores, promovido pela UNESP, em Águas de São Pedro, a cada dois anos. Em seu livro *Curso de Pedagogia no Brasil*, Carmem Silvia Bissolli da Silva, trata da identidade do curso de Pedagogia no Brasil, sob uma perspectiva histórica, preocupa-se com as questões estruturais do curso de Pedagogia, as definições das funções do pedagogo a ser formado, a identidade do curso e as reformulações do curso, objetivando demonstrar que a história do curso, de sua identidade, seja em sua dimensão prático-institucional, seja, teórica-epistemológica, deve ser discutida e analisada e este objetivo foi construído através da própria história da autora e do envolvimento com o universo representado pelo seu objeto de estudo.

Merece destaque também, Maria Amélia Santoro Franco, Formada no antigo Curso Normal em 1964. A seguir, de 1965 a 1968 cursou pedagogia na PUC de Campinas. O curso de pedagogia ainda não era dividido em habilitações, formava-se como especialista em educação. Começou a fazer pós-graduação na PUC de São Paulo, na área de Psicologia Educacional. Trabalha desde 1973 em Universidades particulares em São Paulo. Sempre deu aulas nos cursos de Pedagogia; coordenou diversos cursos de Pedagogia; foi chefe do departamento de educação em várias universidades e diretora da Faculdade de Educação da

Universidade Mackenzie. Em 1999 iniciou seu doutorado na USP e defendeu-o em 2001: *A Pedagogia como ciência da Educação: entre práxis e epistemologia*. Hoje coordena o Mestrado em Educação na Universidade Católica de Santos - SP e é pesquisadora junto à Faculdade de Educação da USP. Em sua Síntese da conferência proferida em Belo Horizonte durante o Fórum de Educação - Pedagogo: que profissional é esse ? Maria Amélia Santoro Franco, vem discutir sobre o crescente desprestígio da Pedagogia e em seu livro "Pedagogia como ciência da educação", Maria Amélia Santoro Franco, trata da natureza da Pedagogia, sua função, quais os caminhos que deve trilhar, buscando resposta a estas questões, coloca em pauta também, a problemática do campo científico e refletindo sobre prática educativa, para que se efetive a função da educação, como instrumento de humanização. Busca resgatar ainda, a relevância da pedagogia, tanto escolar quanto a que se realiza fora dela, já que a pedagogia se expande a todos os setores onde a prática educativa ocorre. Outros autores foram pesquisados, porém cito apenas estes mais especificamente, posto que seus livros são voltados para a Pedagogia e seus profissionais, tema principal desta pesquisa.

No capítulo I, dedico-me a explicar sobre o curso de Pedagogia, suas origens e definições, além dos problemas que vem acompanhando seu histórico, desde a sua criação no Brasil e que resultaram na desvalorização do profissional pedagogo.

O capítulo II aborda o profissional pedagogo, seus problemas, suas

frustrações, mas também as habilidades e competências adquiridas por este profissional no curso de Pedagogia. Neste capítulo, argumento ainda a favor do pedagogo e apresento outros campos de atuação (além da escola), que podem se beneficiar de sua formação.

No capítulo III, o foco é a política educacional no Brasil e de que forma elas interferiram e interferem nas decisões de cunho educacional e sobre o curso de Pedagogia, apresentando um breve panorama histórico do Brasil Colônia até os dias de hoje.

Já o capítulo IV, expõe um pouco da história do município de São Félix do Xingu, sua origem, riquezas e outros aspectos, expondo também algumas medidas implantadas no município na última década para melhorar o atendimento escolar, com dados estatísticos da evolução do sistema de ensino e o aumento no número de matrículas e modalidades de ensino.

O capítulo V trata da metodologia utilizada para a realização desta pesquisa e sua contribuição nas análises das entrevistas.

No capítulo VI apresento trechos das entrevistas e na seqüência de cada uma, minhas observações, utilizando em alguns casos a teoria de autores sobre o

assunto em questão.

No capítulo VII retomo as hipóteses com as quais iniciei este trabalho, passando em seguida para as considerações finais sobre o tema abordado. Aponto também, algumas propostas, acreditando serem capazes de levar à reflexão os profissionais da educação municipal e minimizar os problemas detectados.

CAPÍTULO 1. HISTÓRICO DO CURSO DE PEDAGOGIA

Então, educamos e somos educados. Ao compartilharmos, no dia-a-dia do ensinar e do aprender, idéias, percepções, sentimentos, gestos, atitudes e modos de ação, sempre ressignificados e reelaborados em cada um, vamos internalizando conhecimentos, habilidades, experiências, valores, rumo a um agir crítico-reflexivo, autônomo, criativo e eficaz, solidário. Tudo em nome do direito à vida e à dignidade de todo o ser humano, do reconhecimento das subjetividades, das identidades culturais, da riqueza de uma vida em comum, da justiça e da igualdade social. Talvez possa ser esse um dos modos de fazer pedagogia.

(José Carlos Libâneo)

Ao estudarmos sobre educação e mais especificamente sobre Pedagogia, não podemos deixar de nos reportar às civilizações antigas, especialmente à Grécia, onde através das reflexões dos filósofos, buscava-se um processo de educação consciente, afim de que o indivíduo desenvolvesse todas as suas potencialidades, parafraseando Aranha¹, para que o homem fosse “*constituído de modo correto e sem falha, nas mãos, nos pés e no espírito*”. A educação grega, porém, não era uma unidade seguida por todos, em Esparta, por exemplo, valorizavam-se as atividades guerreiras e as crianças “deficientes”, eram abandonadas, pois precisavam de

¹ Maria Lúcia de Arruda Aranha, História da Educação, p. 37:1989.

jovens "saudáveis" para a guerra. Já em Atenas, além da preocupação com o físico, preocupava-se com o intelecto do indivíduo, buscando sua formação integral. O pedagogo era o escravo que conduzia a criança – paidós em grego significa criança e agogós significa o que conduz – ao local onde praticaria suas atividades (físicas, musicais ou gramaticais). Portanto, a Grécia clássica pode ser considerada o berço da pedagogia, cujo sentido, com o passar dos tempos se ampliou, designando a reflexão sobre a educação.²

Libâneo apud Mialaret, define Pedagogia segundo um dicionário francês de 1690: "Pedagogo: mestre ao qual se dá o encargo de instruir e de educar um aluno, de ensinar-lhe gramática e de vigiar (prendre garde) suas ações." (2002: p. 163) De acordo com esta definição, percebe-se que a pedagogia está associada ao ensino e instrução, porém, apesar de existir desde tempos remotos, só foi institucionalizada por volta do século XVI.

No Brasil, a primeira instituição do curso de pedagogia, foi feita através do Decreto-Lei nº1190 de 04 de abril de 1939, para a formação do Bacharel em Pedagogia, pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, cuja função era formar bacharéis e licenciados em várias áreas. Porém, embora o curso de pedagogia tenha sido regulamentado, já trouxe consigo problemas decorrentes da má formulação do curso, Segundo Silva: (1999, p. 34)

² Ibidem, p. 43.

Em sua própria gênese o curso de Pedagogia já revela muito dos problemas que o acompanharam ao longo do tempo. Criou um bacharel em Pedagogia sem apresentar elementos que pudessem auxiliar na caracterização desse novo profissional. Dentre as finalidades definidas para a Faculdade Nacional de Filosofia é possível reconhecer a que é dirigida ao bacharel em geral. É a que se refere ao preparo de "trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades culturais de ordem desinteressada ou técnica" (art. 1ª, alínea a). Mais adiante, ao tratar das regalias conferidas pelos diplomas, o Decreto-Lei nº 1.190/39 refere-se especialmente ao bacharel em Pedagogia, determinando que, a partir de 1º de janeiro de 1943, houvesse exigência dessa diplomação para preenchimento dos cargos de técnicos de educação do Ministério da Educação (art.51, alínea c).

A indefinição deste profissional acarretou na expectativa para o exercício de funções técnicas que seriam realizadas pelo bacharel em Pedagogia (havia a separação entre bacharelado e licenciatura), foi suprimida a Didática Geral e Especial da formação do bacharel; o licenciado tinha o direito de lecionar disciplinas como: Matemática, Filosofia e História. Através da LDB 4.024/61 ocorreram pequenas alterações, embora não tenham sanado os problemas citados. O Parecer do Conselho Federal de Educação nº 251/62 mantém o curso de bacharelado em Pedagogia, mas não esclarece seu campo de trabalho, em 1969 ocorre a terceira regulamentação do Curso devido a Reforma Universitária instituída pela Lei 5.540/68, já o Parecer nº 252/69³ abole a distinção entre bacharelado e licenciatura, estabelecendo como título a licenciatura, define a formação do pedagogo pela concepção tecnicista, para atender às exigências da ditadura militar, formando professores para o ensino normal e as habilitações em orientação, administração, supervisão e inspeção, fragmentando ainda mais o curso de Pedagogia, ficando assim composto: uma parte constituída pelas matérias básicas para sua formação e

³ Os pareceres 251/62 e 252/69 são de autoria do Conselheiro Valmir Chagas, que foi membro do então Conselho Federal de Educação em três mandatos consecutivos e relator de inúmeros pareceres, dentre eles, os que nortearam o Curso de Pedagogia, e somente deixaram de reger a organização do curso, após a aprovação da LDB 9394/96.

a outra diversificada⁴, para atender às habilitações específicas. A Universidade Federal do Pará, através da Resolução nº 126/72 para o curso de Pedagogia alterou sua organização curricular da seguinte forma: O Orientador Educacional seria o responsável pela adaptação, integração e orientação do aluno em seu convívio escolar, familiar etc, e este aluno, receberia ainda aconselhamento vocacional; ao Administrador, caberia a direção e organização técnico-pedagógica escolar e o Supervisor, acompanharia e faria a avaliação do processo de ensino aprendizagem, planejando e orientando didática e pedagogicamente a escola. Não obstante, mostram nitidamente duas tendências que compõe o curso de Pedagogia, tendências estas opostas, pois propõe formar o pedagogo tecnicista e o generalista.

⁵ Esta formação que já era insipiente tornou-se ainda pior para os profissionais da área.

Posteriormente, no final da década de 70 surgiram tentativas de pensar coletivamente o futuro do curso de Pedagogia, envolvendo professores, estudantes universitários e instituições independentes, preocupados também com as demais licenciaturas. Mas apesar dos movimentos pela reformulação do curso, que hoje é representado pela Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), pouco se conseguiu alcançar no sentido de superar os

⁴ As matérias básicas (parte comum) são as seguintes: Sociologia Geral, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, História da Educação, Filosofia da Educação e Didática e as que compõem a parte diversificada do curso são, o magistério dos cursos normais, bem como atividades de orientação, administração, supervisão e inspeção, para as habilitações em Ensino das Disciplinas e Atividades Práticas dos Cursos Normais, Orientação Educacional, Administração Escolar, Supervisão Escolar e Inspeção Escolar, sendo que o parecer 252/69, fixou as matérias que deveriam compor cada habilitação. (Silva, 1999:p.47-48)

⁵ O tecnicista, caracterizado por desconsiderar a educação como objeto principal e o generalista caracterizado pelas habilitações que fragmentam o todo que é a ação educativa escolar.

problemas existentes, resultando na desvalorização do curso, falta de profissionalismo, salários baixos, além de condições de trabalho insuficientes.

Libâneo apud Chaves e Brzezinski (2002: p.47) menciona que:

...São, de fato, mais de 50 anos de controvérsias em torno da manutenção ou extinção do curso, da pertinência ou não de um campo de estudo próprio à Pedagogia, da formação do professor primário em nível superior, da formação de especialistas ou técnicos em educação etc.

Na última década, as mudanças ocorridas na sociedade – desenvolvimento das ciências, informática, reorganização do trabalho, etc – sugerem que a educação acompanhe estas transformações, através de investimentos principalmente nas escolas públicas e na qualificação dos profissionais da educação, mas o que se vê é justamente o contrário. O mesmo ocorre com a pedagogia, pois suas crises constantes, encabeçadas principalmente pelas políticas educacionais, têm enfraquecido ainda mais o curso, a ponto de os próprios pedagogos não sustentarem sua defesa, tomando para si o discurso de alguns intelectuais das ciências sociais, de menosprezo à Pedagogia, assumindo com ironia as diversas críticas feitas aos pedagogos e às suas atividades.

Apesar de nossa sociedade estar permeada por práticas pedagógicas, desvaloriza-se o curso de Pedagogia como campo de conhecimento, ignorando a contribuição que o curso poderia oferecer no sentido de compreendermos melhor as manifestações da prática educativa.

CAPÍTULO 2. O PROFISSIONAL PEDAGOGO

A atividade do pedagogo é marcada pela precariedade profissional e a sua desvalorização, implica lamentavelmente na divulgação de que para ser educador, uma formação técnica é suficiente, pois para muitos profissionais, “ser professor é uma atividade pouco complexa”, não fosse o bastante, nossa legislação desconsidera a importância do profissional pedagogo, ao relegar o trabalho do pedagogo à docência⁶, desprezando toda a complexidade do fenômeno educacional, dissociando-o de seu fazer histórico-científico. Franco menciona que:

“...ser o profissional que promove, organiza e pesquisa a formação docente, será sempre diferente de ser o profissional que se formará para ser o docente, embora não se exclua, nem a relevância de ambos os papéis, nem a possibilidade de concomitância desses papéis.” (2002: p.7)

Neste sentido, não utilizar os conhecimentos que o pedagogo adquire ao longo de sua formação, é também abrir mão de todo o potencial que o curso

⁶ Art. 62 da LDB 9.394/96 (Título VI – Dos Profissionais da Educação) – A Formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

oferece, muito embora, as atuais situações salariais, de trabalho e dificuldades de ensino encontrem-se presentes, é preciso superá-las.

Por sua formação, o pedagogo, em um processo dinâmico, desenvolve a capacidade para atuar com jovens, adultos e portadores de necessidades educativas especiais, de forma a assegurar seus direitos à educação, além de ser um articulador do ensino e pesquisa na produção do conhecimento pedagógico, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as outras áreas do conhecimento, sua formação lhe possibilita também, atuar na gestão educacional, organização, planejamento, execução e avaliação de propostas escolares, bem como na elaboração do Projeto Político Pedagógico.

Um outro aspecto da formação do pedagogo está na capacidade de compreender e expor idéias, pensar, investigar, propor mudanças e metodologias de formação, avaliando as práticas educativas e refletindo sobre elas e sobre os conteúdos a compor as estruturas curriculares, fazendo das situações concretas o seu instrumento para reflexão, que culmina na proposta de alternativas que solucionem os problemas, contribuindo significativamente para a melhoria do ensino.

De acordo com Franco:

A ausência do profissional pedagogo, junto às instituições educativas, reforçará a concepção de que, a prática docente é uma prática meramente reprodutora de ações mecânicas e pouco refletidas; reforçará também a concepção de que a docência possa ser considerada, erroneamente, como uma tarefa simples, que pode ser desempenhada com poucos recursos

formadores e que pode se organizar em uma formação abreviada, como anexo a outro curso, no caso, o de Pedagogia. Essa concomitância de formação pode até reforçar a idéia de que formar professores é uma tarefa descomplicada e que pode se efetuar fora da universidade, pois nem de pesquisa precisa! (2002: p.7)

A análise de Franco a meu ver, é correta, pois a presença do pedagogo na escola é essencial, por seu caráter reflexivo e mediador do processo educativo, isto sem falar que o pedagogo - por estudar o fenômeno educativo que alias não se resume apenas à educação formal, mas também não-formal e informal⁷ – deve insistir na relevância no fortalecimento de sua identidade profissional através da formação continuada, pois hoje, nossa realidade exige que os profissionais estejam sempre preparados para enfrentar as mais diversas situações. Com efeito, a formação do pedagogo, além de abranger a compreensão e transformação da práxis educativa demonstra ainda, que o espaço educativo está ampliado, o que sugere a ação ampliada da prática pedagógica. Na verdade, o pedagogo também estará realizando a prática pedagógica, trabalhando em empresas, animação sociocultural, meios de comunicação, em ONG's, atividades de pesquisa, além de outras instituições, isto porque toda atividade humana é permeada de ações pedagógicas e toda ação pedagógica é também uma ação política e como tal, formadora de opinião.

⁷ Formal- referindo-se a forma, algo estruturado, sistematizado, como por exemplo a educação escolar. Não-formal-são aquelas que possuem intencionalidade, mas pouco estruturadas, como os movimentos sociais, meios de comunicação sociais, museus, atividades culturais, etc. Informal- o processo de aquisição de conhecimentos que se dá, através dos espaços de convivência humana, seja ela social, político, econômico ou cultural, é não-intencional, não sistematizada e não-institucionalizada.

CAPÍTULO 3. AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS QUE NORTEIAM O TRABALHO DO PROFISSIONAL PEDAGOGO

Se não existe nenhuma verdade suprema para guiar e orientar a ação política, as idéias e as convicções podem ser facilmente exploradas em proveito do poder. Uma democracia sem valores transforma-se facilmente num totalitarismo declarado ou dissimulado, como demonstra a história.

(Papa João Paulo II)

Desde o Brasil colônia que a educação brasileira é marcada pela divisão de classes, pois nesse período apenas a aristocracia tinha acesso a educação dada então pelos jesuítas, porém, com a expulsão dos jesuítas e a Reforma Pombalina, a até então estrutura educacional e organizacional, sofreu sérias modificações, resultando em um ensino mais desorganizado. Somente a partir da chegada da família real portuguesa ao Brasil, providências foram tomadas no sentido de melhorar a educação, para os membros da corte e filhos dos nobres, tornando-se necessário um ensino mais estruturado e organizado.⁸

⁸ Brito, Ana Rosa Peixoto de. LDB: da “conciliação” possível à Lei “proclamada”. p. 24 e 25.

Com a primeira Constituição Brasileira, em 1824, houve mudanças que permitiam maior acesso do povo à educação, instituindo a educação primária gratuita a todos os cidadãos, embora somente para os filhos de homens livres.⁹ Mas como até hoje acontece, a educação não era prioridade e os recursos financeiros destinados a ela, poucos, em decorrência disso, começaram a surgir colégios particulares para atender às classes dominantes da época.

No período republicano, a educação passa por várias reformas, embora sem sucesso, na resolução dos problemas como os já acima citados, que foram se estendendo até os dias atuais, até porque, as leis, reformas e planejamentos, enfim as políticas educacionais, não são neutras, pelo contrário, servem a um segmento da sociedade e suas medidas tendem a beneficiar apenas uma minoria. Neste período, já na segunda fase do período republicano (1930-1964), o então ministro Francisco Campos, através de decretos, dá prioridade ao ensino unificado, reorganizando-o em 05 anos para o fundamental e 02 para o profissionalizante, também neste período, Fernando Azevedo e vários educadores, elaboram o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932) que estabeleceu princípios de uma nova política educacional, a qual todos teriam acesso, ou seja, escola pública e gratuita.¹⁰

A partir do Golpe Militar de 1964, o governo, para frear as reivindicações do movimento estudantil, vê-se obrigado a apresentar uma proposta para a Reforma

⁹ A sociedade brasileira neste período era escravocrata.

¹⁰ Ibidem, p.26-29.

Universitária, embora esta tenha sido preparada nos moldes do sistema de governo, para atender aos interesses do mesmo, visando conter os movimentos e ao mesmo tempo, diminuindo a autonomia das universidades, atrelando seu funcionamento ao modelo político do governo militar. Além da Reforma Universitária, fez-se também a Reforma do Ensino de 1º e 2º graus, modificando a estrutura anterior, na medida em que o 1º grau fundamental passa a ser de 08 anos e o 2º grau (profissionalizante) passa a ser de 03 ou 04 anos.

A nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, entre sua tramitação e votação, foi de dezembro de 1988 a dezembro de 1996, sendo inicialmente, ouvidas entidades sindicais, científicas e estudantis, entre outras, de forma a contribuir no processo de elaboração do texto, destacando nesse processo, a participação do Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública. Porém, à medida que novos governantes assumem, surgem novas alterações e no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, o executivo assume o processo, desconsiderando as ações e contribuições do legislativo, da sociedade e do Fórum Nacional de Educação, sendo aprovado no Senado o projeto do senador Darcy Ribeiro. A Lei nº 9394/96, vem consolidar as políticas neoliberais e deixar claro, que o povo ainda vai continuar ausente das decisões sobre a educação que deseja e atenda às suas necessidades.¹¹

Nesta sociedade neoliberal em que vivemos o que vem ocorrendo não

¹¹ Ibidem, p. 38-44.

somente ao curso de Pedagogia, mas a educação pública em geral, é a explícita negligência dos governos no referente a políticas educacionais mais justas, se por um lado estas políticas de desvalorização da educação pública, incluído aí o desprestígio do profissional pedagogo e o favorecimento do crescimento das Faculdades particulares e/ou Institutos Superiores de Educação (ISE's), por outro, como falar em democracia se cada vez mais se afasta das classes desfavorecidas a oportunidade de chegar a um curso superior, de ter educação de qualidade e "gratuita"?

Para Libâneo (2002:193):

"... Em suma, a 'crise' da Pedagogia não pode ser explicada exclusivamente por razões epistemológicas, mudança de paradigmas, de colapso das utopias ou, mesmo, do conceito de paradigma. Antes, é preciso atentar para a inexistência de políticas educacionais sólidas, de um posicionamento da nação ante a escola básica, da 'economização' da sociedade com a política neoliberal, da desqualificação da escola pública, do desprestígio social da profissão de professor, da disputa de espaços profissionais e investigativos no âmbito das ciências humanas e sociais."

As reduções de investimentos na educação e os salários dos pedagogos e professores são uma degradação, as próprias Universidades Públicas estão sendo sucateadas, e os poucos investimentos feitos na área, são para manutenção de outros cursos, ora com um histórico problemático como o da Pedagogia, com o crescente desprestígio acadêmico, com salários aviltantes, ainda é atingido pela deficiência de formação, há que se tomar providências para enfrentar esse panorama desalentador.

Concordo com Gadotti quando afirma que: "Nós, educadores, aceitamos muito submissos às reformas, talvez porque estamos confundindo educação com obediência. Nossa pedagogia parece formar pedagogos obedientes, servis." (1998: p.55)

Eis então, a oportunidade do pedagogo de repensar sua formação e sua função na sociedade e de que forma poderá exercê-la, dignamente. Considerando que se seus objetivos estiverem veiculados à humanização da sociedade, estará também a serviço da transformação social, baseada em ideais de equalização das oportunidades, justiça e democracia, respaldando-se na qualificação teórico-prática que o curso oferece e buscando para si também a igualdade e o reconhecimento social pela sua atuação como educador/mediador do conhecimento.

CAPÍTULO 4. UM POUCO DA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE SÃO FÉLIX DO XINGU

A formação do município de São Félix do Xingu, data do início do século XX com a existência de pequenas comunidades ribeirinhas na região, com população migrante principalmente da região nordeste do país, cujas origens estão intimamente ligadas ao município de Altamira, pois São Félix era distrito de Altamira.

Em 1914 o Cel. Tancredo Martins Jorge, grande seringalista da região, reuniu os seringueiros e caucheiros com suas famílias e instalou-se no Barracão do Aviador, localizado na confluência dos Rios Xingu e Fresco, na época denominado Boca do Rio. Ergueu-se um povoado, que prosperou baseado no extrativismo vegetal, transformando-se em Vila e posteriormente tornando-se Distrito do município de Altamira, chamou-se São Félix da Boca do Rio, São Félix de Gradaús e finalmente chamado de São Félix do Xingu, por influência de religiosos que trouxeram a imagem de São Félix¹².

¹² São Félix de Valois: Santo católico, descendente da dinastia real francesa, nasceu em 1127. Ainda criança manifestava grande caridade para com os pobres. À medida que progredia nas ciências, aperfeiçoava-se na prática das virtudes. Para fugir a toda e qualquer influência política, renunciou aos direitos da coroa real da França e se tornou padre. Logo após sua primeira missa, Félix retirou-se do mundo para um lugar deserto, onde pudesse viver só para Deus. Após algum tempo, foi procurado por um sacerdote que passou a conviver com ele:

O domínio econômico advindo do comércio extrativista era mantido por Altamira e com a ligação terrestre com regiões do Araguaia e Tocantins.

Em 1955 o distrito foi emancipado, com o nome de São Félix de Gradaús, por pouco tempo, pois foi caçada a emancipação pelo Superior Tribunal Federal (STF) e reanexado a Altamira.

A emancipação definitiva veio com a Lei n.º 2.460 de 29 de Dezembro de 1961, durante o governo de Aurélio do Carmo, quando foi criado o município de São Félix do Xingu, com área desmembrada de Altamira. A instalação ocorreu em 10 de abril de 1962, data que se comemora o aniversário da cidade.

O município nasceu com grande extensão territorial, dele foram desmembrados em 10 de maio de 1988, através das Leis nºs 5.449 e 5.455 os Municípios de Ourilândia do Norte e Tucumã, mesmo com o desmembramento, São Félix do Xingu ainda é o 2º maior município do Estado do Pará e um dos maiores do mundo, em extensão territorial.

A população do município, segundo dados do Instituto Brasileiro de

João da Mata. Passados três anos, tiveram uma visão pela qual Deus os chamava a trabalhar para a salvação dos cristãos que tinham caído nas mãos dos Mouros e incentivados fundaram uma Ordem Religiosa (aprovados pelo Papa Inocêncio III), a fim de realizar este apostolado tão urgente, mas tão perigoso. De 1203 a 1208 Félix se encontrava em Marselha, para fundar e dirigir mais um convento no ponto de controle do Movimento da Libertação dos escravos. Retornando ao primeiro convento de Cerfroi, veio a falecer santamente no dia 04 de novembro de 1212, com 85 anos de idade. Sua imagem foi trazida da Bahia em 1900 e colocada na capelinha de uma Ilhota no Rio Xingu e posteriormente colocada numa casa particular, até ser colocada na Igreja Matriz em 1938.

Geografia e Estatística (IBGE) 2000 é de 34.621, porém estes dados foram contestados e conforme Liminar, para efeito de repasse do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e do Ministério da Saúde (MS), é considerada a população de 51.913 habitantes.

A pecuária bovina é a atividade que mais tem apresentado crescimento, havendo ainda grande potencial a ser explorado. São fatores preponderantes: a expressiva quantidade de terras disponíveis para formação de pastagens e as condições naturais favoráveis: clima, água, qualidade do solo, ausência de pragas, etc.

O extrativismo vegetal, particularmente a atividade madeireira (extração de mogno e cedro), embora com a proibição de extração e comercialização pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), tenha havido um declínio, consiste em importante atividade econômica do município. Existe também em menor escala exploração de Castanha do Pará e Jaborandi (que há anos vem sendo explorada no município).

O extrativismo mineral, em grande escala está sendo reativado através de uma mineradora canadense, para a extração de níquel. Há ainda atividades isoladas de extração de cassiterita e ouro.

Patrimônio histórico e cultural: Igreja de São Félix, construída em 1938.

Localização: Mesoregião 06 – Sudeste do Pará. Microregião 018 – São Félix do Xingu, na confluência dos Rios Xingu e Fresco.

A área total do município é de 84.607,30 km², sendo área urbana 22,24 km², Áreas das Reservas Indígenas 46.622,90 km² e Parque Nacional da Serra do Pardo 2.142,15 km², Estação Ecológica da Terra do Meio 1.915,06 km² e Áreas das Zonas Rurais 33.904,95 km². A distância da sede do Município à Capital do Estado é de 1.121 km. Faz limites ao Norte: Altamira, Senador José Porfírio, Anapu, e Novo Repartimento. Ao Sul: Estado do Mato Grosso. A Leste: Marabá, Parauapebas, Água Azul do Norte, Tucumã, Ourilândia do Norte, Cumaru do Norte e Santana do Araguaia. E a Oeste: com Altamira.

4.1. ALGUNS DADOS SOBRE A EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO

Mecanismos de Formação e Fortalecimento das Ações de Educação

Foram criados mecanismos de garantia de direitos e deveres, bem como a promoção de cursos, palestras, seminários oficinas e debates visando à melhoria da qualidade da educação a nível municipal:

Cursos/oficinas/debates/palestras/campanhas: 1997 – Curso de Alfabetização (14 a 21/04/1997) – ministrado pela professora Claudete Sarmento, da UFPA; Curso de Pré-escola (26 a 30/05/1997) – ministrado

pela professora Maria Mercedes, da UFPA; Oficina sobre Educação Física; 1ª Jornada de Reflexão Pedagógica (ministrada pelos professores do SOME¹³; Paulo Sérgio e Sônia Cristina); Palestra sobre Relações Humanas (palestrante: Sonia Cristina).

1998: Ciclo de Debates (Organizado pelos professores do SOME, Paulo Sergio e Heloisa Protázio), Palestra sobre o Livro Didático (Palestrantes:Técnicas da SEDUC), Curso sobre Organização de Arquivo (Técnicas da SEDUC); **Projeto Crescer**: curso de complementação em Magistério, resultando na formação de 13 professores (1998-1999); **CTRH/SEDUC**: Curso de habilitação em Magistério, resultando na formação de 24 professores (1998-2001); Curso Supletivo/Ensino Fundamental: Curso de conclusão do Ensino Fundamental, resultando na formação de 12 assistentes de ensino (1998).

2001: Campanhas Olho no Olho e Saúde Bucal, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde; Curso PCN'S (Parâmetros Curriculares Nacionais); PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores); Programa Recomeço (Alfabetização de Jovens e Adultos).

Conselhos Escolares: 1997 – Foram criados/implantados em 07 escolas, da zona urbana;

Lei de Cargos e Salários e Estatuto do Magistério.

Implantação do FUNDEF (Agosto/1997);

Doação pelo SIVAM (Sistema de Vigilância da Amazônia) de kits escolares (cadernos, lápis e régua) a 6.800 alunos.

UFPA e UNAMA: Contratação de Universidades para a formação de 65 professores do município nas seguintes habilitações: Pedagogia, História, Matemática, Geografia e Letras.¹⁴

MATRICULA INICIAL – EVOLUÇÃO POR MODALIDADES DE ENSINO

Educação Infantil				Ensino Fundamental				Ensino Médio			
1998	2000	2002	2004	1998	2000	2002	2004	1998	2000	2002	2004
422	168	946	1.304	7.253	6.334	9.549	10.914	210	406	836	1.480

FONTE: SEMEC/PMSFX

¹³ Sistema de Organização Modular de Ensino.

¹⁴ Fonte de dados: SEMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura) e PMSFX (Prefeitura Municipal de São Félix do Xingu).

**NÚMERO DE MATRICULADOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-
EJA EM 2004: 1.227**

NÚMERO DE MATRICULADOS POR ANO

ANO	Nº DE MATRICULADOS
1997	5.423
1998	5.423
1999	7.425
2000	8.150
2001	9.293
2002	11.441
2003	*
2004	*

* A Secretaria de Educação ainda não dispõe dos dados relativos aos anos de 2003 e 2004.

PARTICIPAÇÃO ATUAL EM PROGRAMAS DO MEC:

- **Fazenda Escola – EJA (Educação de Jovens e Adultos);**
- **Bolsa Escola;**
- **PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar;**
- **PNAI – Programa Nacional de Alimentação Indígena;**
- **PNAC – Programa Nacional de Alimentação a Creche;**
- **PNAT – Programa Nacional de Transporte Escolar;**

- **PNLD – Programa Nacional do Livro Didático.**

CAPÍTULO 5. A METODOLOGIA APLICADA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PESQUISA:

O ser humano, por seu comportamento racional, pesquisa sobre aspectos de sua realidade, no afã de buscar conhecimento sobre os mesmos e soluções aos seus problemas, realiza isto, a partir do estudo destes problemas, da pesquisa sobre eles. Para tanto, faz-se necessário o confronto entre as evidências e os dados coletados com os estudos anteriores a respeito do assunto, desta forma, o pesquisador poderá se valer do conhecimento acumulado, buscando vinculá-los às evidências que surgirão no decorrer da pesquisa, é claro também, que a visão do pesquisador interferirá no seu trabalho, pois virá carregada de valores, interesses e preferências que lhe são peculiares e que orientarão sua pesquisa, segundo Ludke e André:

É igualmente importante lembrar que, como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Claro está que o pesquisador, como membro de um determinado tempo e de uma específica sociedade, irá refletir em seu trabalho de pesquisa os valores, os princípios considerados importantes naquela sociedade, naquela época. Assim, a sua visão do mundo, os pontos de partida, os fundamentos para a compreensão e explicação desse mundo irão influenciar a maneira como ele propõe suas pesquisas ou, em outras palavras, os pressupostos que orientam seu pensamento vão também

nortear sua abordagem de pesquisa. (LUDKE E ANDRÉ. Pág. 03:1986)

Ou seja, para Ludke e André, não é possível desvencilhar o resultado da pesquisa, das definições e idéias do pesquisador, nem esconder-se sobre uma posição de neutralidade científica, pois este resultado estará vinculado às preferências e conhecimentos que o pesquisador possui. Deverá unir o conhecimento acumulado ao que for descoberto no decorrer da pesquisa.

Na área de educação, nos últimos anos, percebeu-se insatisfação entre os pesquisadores, quanto ao modelo de pesquisa empregado, não levando a resultados positivos. Então, para responder aos desafios da pesquisa educacional, surgiram abordagens diferentes, tentando assim, superar algumas limitações da pesquisa tradicional, como: a pesquisa participante, a pesquisa ação, a pesquisa etnográfica e o estudo de caso.

Adotei para este trabalho, os pressupostos da abordagem qualitativa, através do estudo do tipo etnográfico, por seu caráter descritivo que me permitiu além do registro dos dados, estudá-los e analisá-los dentro de um contexto social micro para chegar ao macro, utilizei como referencial teórico o livro "Pesquisa em educação: uma abordagem qualitativa" das autoras Menga Ludke e Marli André, que me forneceu suporte sobre o procedimento adequado para alcançar o meu objetivo.

O referido estudo se desenvolveu no município de São Félix do Xingu. Os

informantes foram funcionários da SEMEC (Secretaria Municipal de Educação), alguns Diretores e Coordenadores escolares (Pedagogos ou não), visto que a problemática não lhes é estranha, pelo contrário, é um assunto familiar a eles e sobre o qual se pressupõe não haver dificuldades em discorrerem sobre o mesmo. Para preservar o anonimato dos entrevistados, utilizei códigos para identificá-los.

Os dados foram coletados através de entrevista semi-estruturada, a partir de questionários, com perguntas relacionadas ao tema pesquisado, o registro foi feito através de gravações que posteriormente foram transcritas, sendo assim, pude fazer o levantamento inicial da situação local e apesar do esquema preparado fazer as adaptações necessárias durante as entrevistas.

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. Pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial, como o questionário... (LUDKE E ANDRE, 34: 1986).

Ludke e André nos alertam para as vantagens da entrevista, mas também que o entrevistador deverá ser cuidadoso e respeitar os valores e cultura do entrevistado, desde a pontualidade, à garantia de sigilo em relação ao informante, além do mais, o entrevistador deverá ser habilidoso e paciente para ouvir o seu entrevistado.

Agindo desta forma, a entrevista permitiu-me obter as respostas aos questionamentos prévios sem muitas dificuldades, mesmo porque, não se trata de uma problemática estranha a nenhum dos entrevistados, visto que fazem parte do seu cotidiano, de assuntos que lhe são familiares.

Após a coleta de dados, chegou-se à análise dos dados, em que de acordo com Ludke e André¹⁵, já se é possível ter mais ou menos claras as possíveis direções teóricas do estudo e a partir do material, buscar destacar os principais achados da pesquisa, este trabalho resultou na classificação e organização destes dados que, por conseguinte me reportaram às hipóteses iniciais, proporcionando uma revisão das mesmas, e em seguida, relacionar os dados e interpretá-los à luz do referencial teórico adotado para este estudo.

¹⁵ Ludke e André, pág. 48:1986.

CAPÍTULO 6. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Ao término das entrevistas com coordenadores, diretores escolares e com a coordenadora geral do município, iniciarei a apresentação dos dados coletados e suas respectivas análises, observando as contradições que surgiram no decorrer das entrevistas e que me permitiram confirmar e/ou redirecionar minhas hipóteses. Vamos à primeira entrevista:

Sou Pós-graduada em psicopedagogia e estou como coordenadora municipal de ensino. [...] Para ser coordenador no município, em primeiro lugar deve ser formado ou cursando Pedagogia e que tenha experiência no exercício do magistério e, além disso, o coordenador pedagógico deve ser um profissional comprometido em promover a melhoria do ensino-aprendizagem e deverá ser o articulador do projeto político pedagógico da instituição para que a escola cumpra sua tarefa de propiciar ao educando o seu desenvolvimento como ser humano pleno, capaz de assumir sua cidadania com responsabilidade.[...] O projeto político pedagógico das escolas municipais foi realizado de forma democrática, onde teve

uma participação ativa dos pais, alunos, funcionários de apoio (guardas, merendeiras e serventes). A participação da comunidade foi relevante, pois só assim, resgatamos a coletividade dentro das ações educativas. O PPP está inserido dentro do PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola) com uma durabilidade de dois anos.[...] A educação é como se fosse uma orquestra sinfônica que necessita de um maestro e eu considero este maestro o pedagogo, pois, ele é quem assume as principais funções dentro da unidade de ensino, como administrador, orientador e coordenador, ele é a peça fundamental para que possamos formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres. O pedagogo trabalha tanto com o aluno quanto com o professor, combatendo tudo aquilo que desumaniza a escola como: autoritarismo, evasão, repetência, exclusão e discriminação, é neste sentido que o pedagogo assume o papel de suma importância dentro da escola, pois é na sua pessoa que está centrada a possibilidade de eficácia do processo educativo. [...] Na zona urbana 60% dos gestores são profissionais formados em pedagogia ou disciplina específica, 40% estão cursando pedagogia.

Na fala da primeira entrevistada, ela aponta o pedagogo como o “maestro” da educação e que como coordenador, é o principal articulador do projeto político pedagógico. Não menciona, entretanto o pedagogo como professor, nem a sua responsabilidade com a formação continuada dos professores. Centra, todavia na figura do pedagogo, a responsabilidade pela eficácia do processo educativo, esquecendo-se das inúmeras variantes e atores do processo. Além do mais, a entrevistada ao falar do PPP, afirma que o mesmo está inserido dentro do PDE, como se por este motivo, se tornasse dispensável a sua elaboração ou como se

ambos tivessem o mesmo significado e atendessem às mesmas necessidades. De acordo com Libâneo (p. 179:2003) existem diferenças evidentes entre PDE e PPP: o PDE pode financiar projetos elaborados pelas unidades escolares e aprovados por sua coordenação, o que o torna atraente às escolas de menores recursos e embora não haja impedimento para que ocorram simultaneamente, corre-se o risco de intervenção administrativa externa, que pode com grandes possibilidades impedir ou mascarar o crescimento e o amadurecimento das escolas na definição coletiva de sua forma de organizar-se autônoma, pedagógica e administrativamente, algo propiciado pelo PPP.

Porém, entrevistas como a de Neumã, contradizem a da entrevistada anterior, pois sua formação (nível médio), não coincide com a informação da coordenadora geral que afirmou que os profissionais que assumem a gestão escolar ou estão fazendo pedagogia, ou são pedagogos, ou ainda, tem outra formação superior, mas vejamos qual a opinião da mesma:

Eu tenho somente o magistério e o meu ensino fundamental eu cursei aqui, todo nesta escola. [...] Eu ocupo a diretoria. [...] A maior dificuldade está sendo assim, sempre foi a falta de acompanhamento dos pais em relação a seus filhos e este ano (2004), uma das maiores dificuldades, acho que todas estão sentindo, foi em relação a greve, foi muito conturbada, então o clima voltou péssimo, péssimo, nossa está muito difícil sabe, quebrou assim o encanto que existia, está muito complicado mesmo. [...] Eu assim, reuni apesar de que, quando foi para reiniciar, o

próprio SINTEPP pediu que tentassem para que tudo voltasse ao normal [...] mas infelizmente tem certas pessoas, certos profissionais que não cumpriram e que ficam criticando eu própria [...] e assim, parece que nós diretores, eu estou me sentindo assim, a minha presença está assim, quase inútil, se não for eu usar de autoridade mesmo [...] porque eu só tenho um ano de diretora, no outro eu fui secretária geral, então eu estou usando de autoridade, coisa que eu nunca usei, para tentar manter a situação no controle.[...] A coordenadora da escola está de licença.

Vemos neste caso, que a diretora em questão sente-se "inútil" na escola e talvez por falta de acompanhamento ou de uma formação adequada, considera a autoridade, a forma adequada de se contornar a situação, este aspecto torna-se preocupante à medida que produz inibição, ignora o diálogo e a cooperação, favorecendo o distanciamento do grupo, que desta forma encontrará dificuldades maiores no desenvolvimento do seu trabalho, pois se o diálogo e a união são essenciais em todos os lugares, na educação são imprescindíveis. Segundo Libâneo (301-302:2003)

A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, valores), para tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem. O objetivo primordial da escola é, portanto, o ensino e a aprendizagem dos alunos, tarefa a cargo da atividade docente. A organização escolar necessária é aquela que melhor favorece o trabalho do professor, existindo uma interdependência entre os objetivos e as funções da escola, a organização e a gestão do trabalho escolar.

O que observo neste embate de forças entre diretoria e professores, é o

abalo no desenvolvimento do processo educativo, explícito na manifestação de poder pessoal do diretor e neste caso, os mais prejudicados são os alunos.

Outra diretora entrevistada Marly, é formada em Geografia, quando falei sobre a entrevista, inicialmente se recusou, alegando que o ideal seria que eu entrevistasse a coordenadora da escola, insisti, dizendo que sua entrevista seria muito importante para mim, ela ainda perguntou se seria realmente necessário, disse-lhe sorrindo que fazia questão. Atentemos ao que ela diz:

Olha, a minha formação, me formei em geografia, só foi em licenciatura plena, o que a gente conseguiu, ainda não fizemos nem o bacharel, ficou para o final deste ano, que eu não sei nem como vai ficar, fiz pela UFPA e o cargo que exerço agora é o de diretora que já está findando, mas a minha profissão mesmo é professora. [...] Bem, a dificuldade que eu encontrei nestes quatro anos, não foi aquela coisa assim, porque eu estou trabalhando com uma equipe muito companheira, a gente troca experiências, eu não sei de nada, elas também não sabem e sempre a gente está ajudando naquilo que pode, eu recebo muita ajuda, então eu não tive muitas dificuldades, dificuldades assim é pra trabalhar porque a gente não tem recursos pra trabalhar, mas em termos de administrar, não é tão, não foi, não está sendo difícil. [...] É bem diferente, um pouco, atrapalha um pouco sim, igual eu falei eu sempre estou buscando às vezes coisas que às vezes eu não estou interada naquilo, mas eu busco é o caso da Tânia (coordenadora) que ela já é formada, então atrapalha sim.[...] Sim a gente fez né? Com a Tânia, ela te falou

também, não? Pois é, a gente tem trabalhado, é mais difícil mas a gente tem feito. Eu acho que o pedagogo na escola é de suma importância, se elas tem, também elas estão tendo informações, estão crescendo e transmitindo também, no meu caso que é geografia que eu fiz, então eu estou aprendendo também com ela, então eu acho que é super interessante, importante.

A entrevistada demonstrou confusões e contradições em suas respostas, mencionando várias vezes a coordenadora, dando a impressão, que pouco sabe sobre os projetos e decisões tomadas na escola. Pouco firme e atrapalhada em suas respostas, deu margens à dúvida sobre se e como foi elaborado o Projeto Político na escola, bem como na resposta que "trabalhavam em equipe, que ela não sabe de nada e os outros também não." De acordo com Libâneo (293:2003)

No caso da escola, a organização e a gestão referem-se ao conjunto de normas, diretrizes, estrutura organizacional, ações e procedimentos que asseguram a racionalização do uso de recursos humanos, materiais, financeiros e intelectuais assim como a coordenação e acompanhamento do trabalho das pessoas.

Nesta perspectiva, é necessário que o(a) gestor(a) esteja apto a assumir o compromisso de levar à frente tal organização, canalizando esforços para a realização dos objetivos da escola, como esperar que alguém que afirma "não saber nada e os outros também não" realize este trabalho adequadamente para o bom funcionamento da instituição que gesta? Deixou-me ainda, com a impressão que a coordenadora escolar estava mais a par da situação e das decisões da escola que

ela própria.

Comparemos então a entrevista da diretora com a da coordenadora da mesma escola (pedagoga), vamos às suas palavras:

Fiz graduação em pedagogia, pela UNAMA, e fiz a pós na FIAMPARO em Psicopedagogia, o meu cargo é coordenação [...] O pedagogo dentro da escola é considerado como um fiscal é aquele que fiscaliza todos os males da escola, ele é visto não como aquela pessoa que sugere, mas uma pessoa que está fiscalizando. [...] eu acredito que as duas funções fica comprometida também, se acumular duas funções, porque hoje nós temos as crianças que tem dificuldades de aprendizagem... Aqui na escola eu sou felizarça, porque eu tenho uma sala pra ficar, tenho espaço pra conversar com os alunos em particular, mas eu tenho colegas que estão na coordenação pedagógica e não tem este espaço, um ambiente propício para conversar com o aluno. [...] Quando nós iniciamos o PPP, convidamos todos os pais, professores, funcionários da escola, em grupos diferentes, para discutir, para divulgar a importância do PPP na escola, no entanto a gente observa que ele perdeu de vista a parceria da família, do próprio professor, porque de certa forma, muitos estão, julgam que vão ficar, é desperdício, carga horária é alta e não tem como ficar. [...] Então julga-se que por eu ser a coordenadora do PPP, aí tudo sobrecarrega sobre mim[...] não estou querendo dizer que as outras áreas não tem a sua importância ela vai somar, mas eu acredito que o pedagogo, que a formação do pedagogo ela vem de uma certa forma complementar aquilo que o colega não vê[..] Eu acho que está faltando ouvir pessoas, na hora de modificar[...]

Esta entrevistada considera que seu trabalho de orientação e supervisão é tido pelos colegas, como o trabalho de um fiscal que está na escola para observar o trabalho dos professores. Considera importante haver um espaço apropriado para o trabalho da coordenação, espaço, aliás, que a maioria das escolas não possui. Quando relata sobre o Projeto Político na escola, a entrevistada menciona, por exemplo, algumas questões que provocam a desmotivação para que o mesmo seja eficaz, como: a carga horária alta dos professores falta de compromisso, entre outros e admite que a maior parte do Projeto Político Pedagógico feito para a escola, ficava sob sua responsabilidade, que a família e os próprios professores não se sentem estimulados a participar do projeto, admitiu também sua parcela de culpa por não buscar mecanismos para estimulá-los a participar. Quando fala sobre o curso de Pedagogia, considera-o importante, pois segundo ela, existem vários fatores a serem levados em consideração quando se lida com pessoas e a Pedagogia por seu estudo abrangente, torna-se de muita relevância, como a própria entrevistada diz, para "complementar" aquilo que o colega não vê, através de discussões, sugestões que melhorem o quadro educacional. Quando o assunto é sobre Políticas Educacionais, sua opinião é de que acho que "está faltando ouvir pessoas, na hora de modificar", que as grandes decisões não levam em consideração à vontade da maioria, o que de fato ocorre de maneira geral em nosso país, ou seja, a maioria da população não é ouvida, podemos citar como exemplo, a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em que foram desconsideradas as discussões da população (através de representantes estudantis, de associações, etc) e apenas algumas pessoas decidiram o futuro da nossa educação.

Agora vejamos o que a próxima entrevistada diz:

Bom, eu tenho dois cursos né, ensino médio [...] contabilidade e magistério, eu estudei no colégio Santa Cruz em Araguaína - To, agora estou cursando Pedagogia pela UFPA e sou diretora. [...] Bem, as maiores dificuldades que eu já encontrei, dentro destes 7 anos e oito meses que estou nesta direção, foi em relação a alunos que já trazem consigo problemas de casa e acaba refletindo na escola [...] Quanto a ser realizada na profissão, eu posso dizer que sim, aí é que entra "aquele" problema, só não realizada financeiramente, mas emocionalmente eu sou sim, e muito mesmo. [...] De forma alguma, não somos bem remunerados, só que é por isso que não é nem bom tocar neste assunto, porque é... péssimo, se for pensar financeiramente. Até ontem mesmo nós comentamos ali, qualquer pessoa que trabalha, não precisa ter nenhuma formação, ele vende qualquer coisa na rua, eles vendem espetinho, eles vendem, o salário deles pode saber que é bem maior que o nosso, até vendedor de picolé. Então não é nem bom tocar neste assunto, é só porque é gratificante, mas financeiramente é péssimo, não pode nem pensar. [...] Mas a Pedagogia em si, é excelente pra quem está na área de educação, eu acho um dos melhores cursos... o pedagogo tem realmente, abrange várias áreas, porque parece que o pedagogo, ele já é um pouco de psicólogo, ele já entra, ajuda bastante.

A entrevistada em questão, afirma que os problemas familiares refletem-se

no comportamento e aprendizagem dos alunos e quando diz que a Pedagogia é excelente para quem está na área educacional, por abranger várias áreas, refere-se ao fato do curso de Pedagogia ter em sua grade curricular várias disciplinas que fornecem subsídios ao pedagogo para através de vários enfoques, entender melhor os problemas educacionais. Entre as maiores dificuldades encontradas pela maioria dos entrevistados, está a falta de acompanhamento da família e falta de recursos financeiros. Quanto ao aspecto financeiro, é algo que ocorre com frequência, visto que, cobra-se cada vez mais da escola e de seus profissionais uma educação de qualidade, entretanto, investe-se cada vez menos na manutenção das escolas, aquisição de materiais, espaços adequados, salários dignos e formação continuada dos profissionais da educação. Quando a entrevistada aborda a questão financeira, é enfática ao afirmar que o trabalho na área educacional apesar de gratificante, é péssimo quando se refere a salário, tanto que segundo ela, qualquer vendedor ambulante tem melhor remuneração que o profissional da educação, o que em alguns casos expressa a verdade, pois analisando a situação historicamente, este profissional vem ao longo dos anos trabalhando cada vez mais e recebendo em contrapartida cada vez menos e isto envolve algo maior que a mera discriminação dos colegas de outros cursos, mas tem a ver com políticas educacionais injustas.

A próxima entrevistada nos fala sobre vários aspectos que permeiam a vida profissional do pedagogo, atentemos para o que ela diz:

A minha formação é pedagogia, eu estudei na UNAMA [...] O pedagogo, eu

entendo, eu vejo, percebo, no relacionamento com os colegas, principalmente os colegas que trabalham nas áreas, nas disciplinas de 5ª a 8ª série, que são as disciplinas específicas, eles nos vêem, vêem o pedagogo como um "bicho-papão"... ele pensa, que o pedagogo pensa, que sabe mais do que ele, e ele não aceita de certa forma ser orientado ou comandado por um pedagogo. Tanto que essa tensão entre os professores de 5ª a 8ª série foi a principal responsável por não ter mais coordenadores trabalhando de 5ª a 8ª série, claro que também tem o fator econômico. [...] na verdade, o pedagogo devia orientar assim, na parte didática, não na disciplina específica dele. [...] Fora da escola, eu vejo que as pessoas acham que o curso de Pedagogia não é um bom curso, não é valorizado, o professor em geral também não é. [...] Na área de orientação, as maiores dificuldades são o apoio, os recursos pedagógicos, o professor na escola em si, ela é dotada de poucos recursos... então se um professor ou orientador elabora um certo projeto, ele tem que conscientizar que os recursos são escassos, para colocar este projeto em prática, realmente ele tem que arcar por sua própria conta... por mais que o projeto requeira um valor mínimo para ele ser executado mas a escola não dispõe. [...] Eu penso que essa é a parte mais triste que tem, porque a gente se sente desvalorizado, quando a gente vai ver o plano de carreira e salários, a gente vê como o pedagogo, o professor em si ele é desvalorizado então assim, dá uma tristeza, porque a gente passa o mesmo período, com exceção do médico, que ele passa 6 anos eu acho, ou até mais, mas os outros cursos não. São de duração de 4 a 5 anos, assim como o nosso curso também, aí no momento de estipular um salário para a gente, não é visto por esse lado, é como se fosse uma profissão menos valorizada, então a gente ganha menos, o que com certeza é uma injustiça e também, outra coisa, outros cursos, outras pessoas que tem outra formação que

assumem um cargo, geralmente ele recebe uma gratificação por nível superior, o pedagogo não recebe. [...] Quando realizamos o PDE, que abrange o Projeto Político Pedagógico, ele foi feito com a coordenação, direção e alguns professores, além de alguns pais que participaram do diagnóstico, respondendo a questionários, mas na hora de passar para o papel mesmo, foi feito somente por algumas pessoas na escola. Mas infelizmente, esse plano para que fosse levado a ação, precisaria do apoio da direção, que depois de pronto, não abraçou este trabalho, então ele é guardado, e pelo que sei, nenhuma das escolas utiliza-se dele, cumprindo o que foi planejado, é como se fosse apenas para dizer, se alguém perguntar: Nós fizemos o planejamento! Mas ele não é levado a prática.

Podemos observar que a opinião da entrevistada é de que a figura do pedagogo não é aceita pelos colegas das disciplinas específicas que temem interferência na sua área de atuação, até porque, não acreditam que ele tenha "condições" de orientá-los, embora não levem em consideração, como a própria entrevistada diz, que sua interferência será na parte didática (e metodológica) a fim de orientá-lo "dar suporte para que ele possa dar uma aula melhor", a esta idéia simplista que encontramos na maioria das entrevistas, percebo que muitos pedagogos do município, desconhecem que a Pedagogia como campo de conhecimento do fenômeno educacional - que é pluridimensional, ocorre de várias formas, em vários lugares, seja institucionalizado ou não, seja formal, não formal ou informal - possui um significado bem mais globalizante (Libâneo, 2002). Ela menciona também que fora do âmbito escolar o curso de Pedagogia não é valorizado, como também o próprio professor não é: Segundo Franco:

Historicamente a Pedagogia esteve sendo teorizada por diferentes óticas científicas, o que lhe foi conferindo, ao mesmo tempo, quer uma multiplicidade de abordagens conceituais, quer diferentes configurações reducionistas de sua especificidade e de sua possibilidade como ciência da educação. Essa situação foi, gradativamente, produzindo um emaranhado epistemológico no referente à construção do conhecimento pedagógico, o que foi descaracterizando seu status de ciência da educação, criando até a sensação de sua desnecessidade, enquanto espaço científico fundamentador da práxis educativa. (Franco: 2002)

Outro ponto citado pela entrevistada com relação às dificuldades é em relação aos recursos pedagógicos e financeiros de que a escola não dispõe e quando deseja realizar projetos, precisa arcar com seus próprios recursos financeiros (já tão parcos) o que é claramente colocado pela entrevistada quando diz ser a parte mais triste, pois se sente desvalorizada ao ver o plano de carreira e salários. Alega que o pedagogo passa o mesmo tempo na Universidade (em alguns casos até mais que os outros colegas de cursos específicos), e seu salário é inferior, não é valorizado, o que considera uma injustiça, afirma também que o pedagogo no município não recebe gratificação por nível superior ao contrário dos outros cursos. Quando o assunto é o Projeto Político Pedagógico, diz que o mesmo é faz parte do PDE, o que é o mesmo pensamento de uma das entrevistadas anteriores, e que a participação dos pais resumiu-se à resposta a questionários, sendo que o restante foi feito por "algumas pessoas na escola" e que mesmo desta forma não foi levada à prática por falta de apoio da direção, sendo feito apenas para fins burocráticos, sem ser cumprido, já que de acordo com a entrevistada, nenhuma das escolas se utiliza dele. Neste sentido, levanto algumas questões: é necessário esclarecer aos profissionais da educação do município o que é PDE e PPP, pois não são "a mesma

coisa" e a construção de um, não contempla ou dispensa a elaboração do outro; como deve ser elaborado, porque e finalmente qual sua finalidade – certamente não a de ser engavetado.

Vamos ver agora qual a opinião da última entrevistada:

Fiz Pedagogia pela UNAMA e especialização em Psicopedagogia pela PUC. [...] Eu entendo, um trabalho voltado para a parte metodológica e didática. Até porque, quando saímos do ensino médio, saímos apenas com noções básicas para trabalhar com 1ª a 4ª série, mas quando nos defrontamos com a realidade, percebemos que aquilo que aprendemos no ensino médio é muito pouco para estarmos lidando com a realidade, sentimos uma necessidade enorme de ter novas visões, novas realidades, novos caminhos, novas direções – o que dá no mesmo – que só encontramos no curso de Pedagogia, pois é ele quem vai nos dar base, por meio das correntes filosóficas para estar implantando na sala de aula. [...] Quanto à valorização do pedagogo, eu acredito que sim. É valorizado pela Secretaria de Educação do município, porque o formado em Pedagogia sempre está sendo chamado para a parte técnica para estar desenvolvendo este trabalho junto aos outros colegas de profissão. Em outros âmbitos não. [...]

Quando perguntada sobre se há relevância ou não no trabalho realizado pelo pedagogo e sobre sua ausência na escola interfere no desenvolvimento das

atividades escolares, vejamos o que a mesma entrevistada responde:

Acho com certeza que sim. Acredito que sim, como eu já falei, até porque, se o professor for cobrar do pedagogo a competência para estar ajudando a desenvolver o trabalho dele no processo de ensino aprendizagem, há diferença sim. [...] Interfere na questão de melhorar o desenvolvimento pedagógico.

Em seguida, pergunto sobre como será organizado o trabalho de orientação e coordenação escolar a partir da próxima administração (2005), sua resposta é a seguinte:

É uma equipe técnica pedagógica integrada, formada por três pedagogos, para dar apoio a 05 supervisores da zona rural, porque os supervisores não sabem como trabalhar a questão metodológica, que é este o trabalho da equipe, fazer a formação dos supervisores para que eles repitam nas escolas multisseriadas. Nós vamos montar um cronograma de assistência pedagógica mensal, que será trabalhada por horário na zona urbana, três escolas pela manhã e três à tarde, para que possamos dar conta. Não sei se a equipe vai assistir só de 1ª a 4ª séries ou se também vai assistir 5ª a 8ª séries. Na minha opinião, esta organização, ela não está bem definida, direcionada, tenho uma preocupação enorme com relação a algumas particularidades. Eu não sei qual a intenção da Secretaria de Educação, até porque, em algumas escolas, a coordenação (como era antes) não deu certo, ficou falha. Da forma que será trabalhada, eu acho que há uma perda, porque o pedagogo não vai estar no dia-a-dia escolar e também vai ser uma tentativa, se não der certo... temos

que tentar, o que não pode é ficar estagnado.

Esta entrevistada com especialização em Psicopedagogia, vê o trabalho do pedagogo como um trabalho voltado para a parte metodológica e didática, como se didática fosse apenas um método, ou técnica de ensino, porém a didática não é apenas técnica, pois é subjetiva, é criativa, é a arte de ensinar, cada uma tem a sua e a adapta às situações, a entrevistada ainda cita a didática como “complemento” daquilo que não estudamos no ensino médio. Percebe-se que a idéia demonstrada pela entrevistada, revela o reducionismo que encontramos também quando perguntamos o mesmo para outras pessoas, não que metodologias e didáticas não façam parte do trabalho do pedagogo, mas de acordo com Libâneo, a Pedagogia tem um significado bem mais abrangente, ele escreve que “Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa.” (p. 29-30: 2002). A entrevistada se contradiz ao afirmar que acredita que há relevância no trabalho e na presença do pedagogo na escola, e, no entanto, está acompanhando de perto e exclusão do pedagogo na escola como orientador e coordenador, seguem abaixo, dados do município que demonstram a afirmação acima:

Atualmente as escolas do município de São Félix do Xingu estão inseridas na Programação de Municipalização do Ensino Fundamental. O município conta com 107 Escolas multisseriadas na zona rural, 09 Escolas de Ensino Fundamental nas Vilas e Distritos da zona rural, que contam com maior estrutura e com gestores escolares na sua direção. Na zona urbana, são 08 escolas com o ensino fundamental, 03 com o ensino infantil, 01 Escola Estadual com o ensino médio, 01

Escola de Associação com o ensino médio e 01 particular com ensino infantil, fundamental e médio.

Em fevereiro de 2002, foi fundada a coordenação pedagógica para atuar de 1ª a 4ª séries e de 5ª a 8ª séries. Foi extinta em outubro de 2003, ficando atuante somente a coordenação pedagógica de 1ª a 4ª série. Na atual administração (2005 a 2008), a Secretária de Educação do município, retirou das escolas todos os coordenadores e formou uma equipe técnica, formada por 03 (três) pedagogos¹⁶, que trabalharão na Secretaria de Educação, dando assistência a todas as escolas (Municipal e Estadual) acima mencionadas. Ou seja, três pedagogos, estão responsáveis pela assistência às escolas acima citadas, afora este disparate, as contradições surgem na medida em que os próprios entrevistados (pedagogos ou graduandos em pedagogia), afirmam a relevância da presença do pedagogo na escola e ao mesmo tempo, não atentam para a diminuição do espaço de atuação do pedagogo em seu município.

¹⁶ Depois de realizada a pesquisa, foi contratada mais uma pedagoga para atuar com a equipe, pois os três estavam sobrecarregados. Ou seja, a equipe técnica atual é composta por quatro pedagogos.

CAPÍTULO 7. RETOMADA DAS HIPÓTESES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a sua criação no Brasil em 1939, o curso de pedagogia vem enfrentando problemas, agravados por políticas educacionais injustas, que culminaram na polêmica sobre a identidade do curso e do próprio profissional pedagogo quanto a sua área de atuação.

Desta forma, as reformulações, distribuições de tarefas de responsabilidade do curso de pedagogia a outros cursos, as fragmentações e até mesmo a possibilidade de extinção do curso, causaram inquietações e contrariedades, remetendo-me a importância de se discutir sobre a (des)valorização do curso e a identidade do pedagogo (professor, orientador, supervisor, administrador), discussão esta aliás, que se estende a vários estudiosos e profissionais da área.

No decorrer destas constatações, percebi a pertinência de se investigar e analisar o impacto dessas políticas educacionais no processo de desvalorização do profissional pedagogo, e a despeito das divergências, refletir sobre seus vários

aspectos para tentar compreendê-los melhor. Tendo isto por objetivo geral, tracei os objetivos específicos, pois desta forma, alcançaria mais facilmente a meta principal acima citada, não somente no concernente à sua investigação, mas contribuindo nas discussões e sugerindo ações que possam minimizar tais problemas, resgatando a importância do curso e de seus profissionais. Inicialmente, identifiquei alguns dos principais problemas que o pedagogo enfrenta na sua profissão e qual sua postura diante das dificuldades apontadas, a seguir, verifiquei o papel das políticas educacionais na desvalorização do pedagogo. A partir das hipóteses e dos objetivos traçados e posso dizer alcançados, obtive o resultado que ora exponho neste trabalho.

Iniciei esta pesquisa, tendo em vista algumas hipóteses que neste momento retomarei para confirmá-las, negá-las, ou ainda reformulá-las a partir dos dados que obtive através das entrevistas com profissionais do município.

Vamos à primeira hipótese: *Não há reconhecimento da Pedagogia como ciência da educação e de sua importância no âmbito escolar e fora dele, pois menosprezam toda a preparação teórica e prática do pedagogo no decorrer do seu curso universitário, voltando-o somente para a docência.* Tal hipótese se confirma, pois no município, os profissionais que reconhecem a importância do pedagogo na escola, são os próprios pedagogos, embora não questionem ou reivindiquem seus direitos, ou mesmo o respeito dos colegas de profissão pelo seu trabalho – os professores de disciplinas específicas como História, Matemática, Geografia, etc,

não aceitam ser orientados por Pedagogos. Quanto à opinião desses pedagogos, podemos citar as seguintes afirmações:

“- Mas a Pedagogia em si, é excelente pra quem está na área de educação, eu acho um dos melhores cursos.”

“-Interfere na questão de melhorar o desenvolvimento pedagógico.”

A hipótese seguinte é: *Os salários são baixos, pois a profissão do pedagogo não é valorizada.* Esta hipótese mostrou-se indiscutível, tanto por sua veracidade, quando pelos sentimentos de desânimo, tristeza e pessimismo que despertou nos entrevistados. Não há dúvida que durante sua história, a pedagogia esteve à mercê de interesses, oscilações externas e de características que configuram nosso pensamento educacional em determinado momento histórico. Libâneo menciona que:

...o descaso com que a educação é tratada pelos governos, cujas conseqüências se refletem nos salários, na carreira, na formação do magistério, o enfraquecimento do campo profissional do educador escolar, gerando baixo poder de reivindicação de direitos e fragilidade dos movimentos reivindicatórios... (2002:107)

Podemos salientar que esta situação, ocorre não apenas em municípios interioranos como no caso de São Félix do Xingu, mas se estende a maioria dos municípios do nosso imenso país, em que a maioria dos profissionais com formação universitária possui remuneração melhor que a do pedagogo, ora, isto é sem sombra de dúvidas discriminação, que ainda por cima reflete-se na atuação do mesmo, pois

vem a acarretar uma série de problemas que interferem do seu trabalho, que por coincidência fazem parte da terceira hipótese: *Há acúmulos de funções, que culminam na falta de tempo para sua capacitação e organização da classe para reivindicar seus direitos e ainda não desenvolvendo o trabalho que realmente a escola necessita.* Podemos observar que problemas assim, são comuns e em municípios pequenos contam com o agravante da falta de investimento em cursos de formação e quando acontecem não despertam muito interesse nesses profissionais que possuem acúmulo de funções, até porque, o cansaço os impedem de sentirem-se estimulados a participarem, o acúmulo de funções, impedem-nos também de realizar um bom trabalho, como nos relata esta pedagoga:

“-Eu acredito que as duas funções ficam comprometidas também, se acumular duas funções, porque hoje nós temos as crianças que tem dificuldades de aprendizagem, tem criança que tem dificuldades de relações ...”

Neste caso, por exemplo, ela menciona apenas um dos muitos fatores comprometidos pelo excesso de trabalho, que são as crianças que possuem dificuldades de aprendizagem, ou dificuldades para se relacionar com os outros, mas estes não são os únicos problemas enfrentados pelos professores, orientadores, coordenadores, gestores, ou supervisores, são apenas um exemplo retirado da realidade e que coincidem com outras tantas.

Passemos então para a quarta hipótese: *Falta investimento nas*

universidades públicas. A esta hipótese, podemos citar que a maioria dos professores do município foi e está sendo formada em cursos de formação de professores (designados pelas faculdades responsáveis, como Pedagogia) em Faculdades particulares, com um período médio de 02 anos e algumas aconteceram por intermédio de convênios com a Prefeitura local, e isto se deve, por não existir um núcleo de Universidade Pública no município e pela dificuldade dos professores locais de locomoverem para outros municípios para estudarem e um dos principais fatores que os impedem de fazerem isto, é a baixa remuneração que recebem que os impossibilitam de saírem do seu município, até porque muitos sobrevivem do seu salário e se saíssem para estudar, não teriam como se manter, nem às suas famílias.

Nossa quinta hipótese é: *Qualquer profissional que fizer especialização em educação pode lecionar, contribuindo assim, para o deterioramento da ação pedagógica.* Esta hipótese pode ser levada em consideração em outros municípios, pois em São Félix, aos professores de disciplinas específicas, **não se exige** esta especialização em educação para lecionar (até porque não a possuem).

Partamos então, para a sexta e última hipótese que é: *Não é priorizada a construção do projeto político pedagógico nas escolas do município e sua elaboração não é feita com a participação da comunidade, mas na maioria das vezes apenas pelo coordenador escolar (que nem sempre é um pedagogo).* Basta ler uma das entrevistas realizadas, para percebermos que o Projeto Político

Pedagógico, nem mesmo é feito das escolas municipais, embora seus gestores e coordenadores digam o contrário, mesmo que em seguida se contradigam o que demonstra a falta de planejamento e displicência das escolas com relação às necessidades reais de sua clientela, mas não é só isto, demonstram também falta de conhecimento com relação ao mesmo, na medida em que afirmam que o PDE abrange o PPP, o que é sem dúvida um engano, posto que suas diferenças são evidentes, o PPP tem por objetivo descentralizar e democratizar a tomada de decisões pedagógicas, jurídicas e organizacionais na escola, com a participação dos agentes escolares, enquanto que o PDE tem por objetivo auxiliar a equipe escolar na tarefa de transformação de suas escolas em escolas eficientes e de qualidade (Libâneo. 2003). Quanto à distribuição de tarefas, geralmente grande parte de sua elaboração, fica a encargo do coordenador, como diz esta coordenadora:

“- Nós colocamos esta ação dentro do PPP, mas a gente não reúne, esta é a diferença. Uma pessoa um dia pega, no outro dia outra pega e aí não fica uma coisa organizada... Então julga-se que por eu ser a coordenadora do PPP, aí tudo sobrecarrega sobre mim...”

Infelizmente, esta é a realidade das nossas escolas, ou seja, teorizam a prática coletiva e democrática, e, no entanto, ainda não conseguem distanciar-se do individualismo e da divisão de tarefas e funções, nada de troca de experiências ou ajuda mútua, até porque, do pouco tempo que lhes resta fora da escola, grande parte dele é utilizado para planejar as aulas da semana, corrigir trabalhos, preparar avaliações, etc. Então, se há tantos problemas e o salário é tão baixo, porque há tantos que insistem na carreira? Muitos são por falta de opção decerto, mas ainda há

os que realmente sentem-se realizados com o seu trabalho, como uma das entrevistadas afirma:

“- Quanto a ser realizada na profissão, eu posso dizer que sim, aí é que entra “aquele” problema, só não realizada financeiramente, mas emocionalmente eu sou sim, e muito mesmo.[...] é só porque é gratificante...”

Ora, precisamos reconhecer que alguns dos principais problemas existentes, são decorrentes da negligência de nossos governantes, que estão geralmente alheios às necessidades sociais. Além disso, o que se postula, são políticas educacionais consistentes e a valorização do profissional pedagogo, bem como mais interesse das universidades pelos problemas educacionais e pela formação de professores da educação básica, reservando à Pedagogia o papel de integralizadora destes enfoques, posto que sua atuação implica perspectiva crítica, capacidade de decidir, conhecimentos operacionais e o compromisso ético, pois conforme Franco:

Quando, ao contrário, os estudos sobre a complexidade da prática docente foram se aprofundando, foi ficando cada vez mais evidente que a formação doente é um processo de vida toda e que requer direção, acompanhamento, formação contínua e comprometida. (2003:125)

Analisando o perfil do pedagogo, ele se apresenta como um profissional cuja formação contempla uma prática pedagógica reflexiva, transformadora, investigativa, autocrítica e criativa, com a qual – ou apesar da qual – é desvalorizada

pela sociedade, e contradição das contradições, é este profissional (professor, gestor, coordenador, supervisor e orientador) que ajuda a formar e capacitar todos os outros profissionais.

Segundo Libâneo: “É a pedagogia quem vai investigar os fatores reais que auxiliam na formação humana e no seu desenvolvimento histórico, através dos quais obterá formas de intervenção organizativa e metodológica em torno dos processos correspondentes à ação educativa.” (2002:96) Trata-se, pois, de admitir a importância da atuação do pedagogo, lembrando ainda, que as práticas educativas não ocorrem somente no âmbito escolar, mas também no bojo familiar, social, no trabalho, enfim em todas as instâncias onde o homem interage com o outro.

Vivemos um momento em que precisamos nos mobilizar para tirarmos a educação da atual situação em que se encontra, fazê-la ocorrer de fato, com conscientização e um dos obstáculos para isso, é a educação dominante, elitizada, e de acordo com Gadotti¹⁷, esta também é uma das tarefas do pedagogo, a de incomodar, de ativar conflitos para a sua superação. A exemplo disso, temos a nossa atual LDB 9394/96, que foi formulada não para atender aos interesses da população, mas às conveniências de alguns grupos, pois o primeiro projeto elaborado a partir de uma democracia participativa, de autoridades governamentais, comunidade educativa, conselhos deliberativos, foi abandonada em detrimento ao projeto de autoria do Senador Darcy Ribeiro - cuja concepção e conteúdo,

¹⁷ Para Gadotti o pedagogo também tem o papel eminentemente crítico de inquietar, de incomodar, de perturbar. (1998: pág. 58).

totalmente diversos do projeto anteriormente mencionado e já em tramitação na Câmara dos Deputados – que hoje estabelece e fixa as diretrizes e bases da nossa educação (Saviani:1999). Com efeito, o poder de decisão da população torna-se insignificante frente ao poder e desejos de uns poucos, embora isto não signifique que devemos arrefecer a força e a vontade de transformar esta situação que está posta.

De acordo com Gadotti: "... A luta por uma pedagogia mais libertadora deve se estender a outras frentes: política, econômica, etc..."(1998: pág. 56)

No caso de São Félix do Xingu, os dados demonstram que nos últimos anos foram realizadas algumas ações que resultaram no aumento das matrículas e formação dos profissionais da educação, mas demonstram também, que o pedagogo vem dia-a-dia perdendo o seu espaço no município e esta situação encontra-se agravada pela ação da Administração municipal, que entende ser importante, resumir o trabalho do coordenador escolar, a meros encontros ocasionais e agendados, sendo que seu local de trabalho deixará de ser a escola e passará a ser a Secretaria de Educação. Ressalte-se aqui, que esta situação sequer é questionada e que, além disto, no município, os gestores escolares são nomeados e não eleitos, o que por vezes ocasiona em pessoas "de confiança" do poder municipal na gestão das escolas, mas nem sempre com experiência ou formação adequada para atuar como gestores. Em suma, quando estão à cata de votos, nossos administradores levantam a bandeira da educação, do valor à

democracia, para mais tarde, demonstrar a incoerência entre discurso e prática.

Em síntese, considerando que fazemos parte desta pseudodemocracia, cabe-nos questionar e mais que isto, opor-nos a esta imposição, não através da violência, mas da argumentação. O primeiro passo é organizar-se, pois assim, é possível se fazer ouvir; em segundo lugar, compreender que somente através de uma educação de qualidade e acessível a todos os cidadãos, é possível acenar para um cenário mais justo, para que a grande maioria da população também possa usufruir de seu direito a educação. Reconhecer que a Pedagogia possui as qualificações necessárias para que este direito à educação, seja ainda, um trabalho para a humanização, modificando as prioridades, opondo-se a legitimação dos interesses da classe dominante e cimentando a construção concreta dos ideais de educação de que o povo realmente necessita, assumindo a multifuncionalidade proporcionada pelo curso, exercendo a Pedagogia nas mais diversas instâncias da sociedade.

Partindo deste pressuposto, creio ser essencial que os pedagogos, como mencionei anteriormente, organizem-se, participem das discussões e questionem a desvalorização em que o curso se encontra, pois queixar-se de salários baixos, da falta de reconhecimento pelo trabalho realizado e dos outros males de que padece a Pedagogia, quando omitimos nossa opinião e nos atemos ao idealismo esperando que a situação mude, sem que precisemos nos mobilizar, não levará a mudança alguma. É possível que através de um trabalho organizado, coletivo e persistente, talvez não consigamos alterações, mas sem esta consciência sócio-política, de luta por direito e valorização do seu trabalho, como pode o pedagogo se autodefinir

como educador?

Sendo assim, a título de sugestão, menciono a seguir, algumas medidas que poderiam ajudar a minimizar tais problemas:

- ✓ Cursos de Formação Continuada para os profissionais da área da educação - afim de que os mesmos possam atualizar-se e melhorar sua prática;
- ✓ Cursos sobre Projeto Político Pedagógico – para dissipar as dúvidas, esclarecendo sua importância e o papel do pedagogo na sua elaboração;
- ✓ Conferência Municipal sobre Pedagogia e Educação – é necessário para que os pedagogos possam perceber a relevância de sua atuação na educação, para discutir sua identidade, e principalmente a valorização que lhe é de direito;

Tais sugestões, certamente não têm a pretensão de mudar este quadro desolador do dia para a noite, mas apenas incitar estes profissionais a descobrirem sua importância e discutirem medidas possíveis para a reversão do mesmo.

Resta-nos saber, **se o futuro nos reserva a extinção do curso ou o seu reconhecimento**, embora se as decisões continuarem respaldadas por políticas educacionais semelhantes às atuais, é provável que em poucos anos, nossa educação não tenha mais a presença deste profissional, ou se tiver, com a carga horária que alguns Institutos Superiores os formam, pressupõe-se um trabalho vazio, desvinculado de intencionalidade e com formação aligeirada, mas antes disto, acredito na possibilidade do pedagogo continuar trabalhando no redirecionamento das ações educativas nas varias instâncias sociais que fundamentarão a

permanência desta profissão e a esperança de valorização do educador, através da sua atuação na construção de teorias e ações que resultem na conquista de seu espaço.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação*. 1ª ed. – São Paulo: Moderna, 1989.

BRITO, Ana Rosa Peixoto de. *LDB, da "conciliação" possível à lei "proclamada"*. Belém, Pa: Graphitte Editores, 1997.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia como ciência da educação*. Campinas, SP. Papyrus, 2003.(Col. Entre nós professores)

GADOTTI, Moacir. *Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito*. 11ª Edição. São Paulo: Cortez, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos para que?* São Paulo: Cortez. 6ª Ed. 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira de. TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003. – (Coleção Docência em Formação/ coordenação Antonio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A.. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

PIMENTA, Selma Garrido. *Saberes Pedagógicos e Atividades Docentes*. São Paulo: Cortez, 1999.

ROMANELLI, Otáfa de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1997.

SAVIANI, Dermeval. *Da nova LDB ao novo plano nacional de educação: por uma outra política educacional*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

SILVA, C.S.B.. *Curso de Pedagogia no Brasil: História e Identidade*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1999. (col. Polêmicas do Nosso Tempo)

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BIANCHETTI, Roberto G.. *Modelo neoliberal e políticas educacionais*. 3ª ed. – São Paulo, Cortez, 2001. – (Col. Questões da Nossa Época)

CALVEZ, Jean-Yves. *Política uma introdução*. Editora Ática. São Paulo:1997.

FREIRE, Paulo. *Política e educação: ensaios*. 7ª ed. – São Paulo, Cortez, 2003. (Col. Questões da Nossa Época; v.23)

PINHEIRO, Jorge Augusto de Medeiros. ALMEIDA, Francinete Maria Hounsell. *Monografia em Ciências Jurídicas e Sociais: como elaborar*. Belém: Edição do Autor, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *A reestruturação curricular do curso de pedagogia. O projeto político-pedagógico*. Belém, 2001.

ANEXOS A - DOS ROTEIROS PARA ENTREVISTAS COM COORDENADORES DIRETORES

DO ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM COORDENADORES

- 1- Quantos coordenadores trabalham para o município?
- 2- Quantos são pedagogos por formação?
- 3- Quais os critérios para a escolha dos coordenadores?
- 4- Como é trabalhada a questão do Projeto Político-Pedagógico nas escolas? A comunidade participa de sua elaboração? Por que?
- 5- Neste município temos vários profissionais da educação (pedagogos) que foram formados por cursos conveniados (PMSFX/UNIVERSIDADE), como UNAMA e UVA, quantos atuam hoje na educação e em que área?
- 6- No seu pontos de vista, qual a importância do pedagogo para educação?
- 7- Que profissionais assumem a Gestão Escolar no município?

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM DIRETORES

- 1- Qual a sua formação e em que instituição estudou?
- 2- Que cargo você ocupa?
- 3- Como o pedagogo é encarado e visto por seus colegas na escola e fora dela?
- 4- Quais as maiores dificuldades encontradas por você na sua profissão?
- 5- Você acha que sua formação lhe oferece subsídios para fazer um bom trabalho na escola?
- 6- Você se sente realizado (a) na sua profissão e formação? Porquê?
- 7- Em termos financeiros, você acha que o seu trabalho é bem remunerado? E com relação aos demais cursos, você acha justa a diferença salarial se comparada ao curso de pedagogia?

ANEXOS B - DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM COORDENADORES E DIRETORES

1 – Qual a sua formação e que cargo ocupa na SEMEC?

R= Sou pós-graduada em psicopedagogia e estou como coordenadora municipal de ensino.

2 – Quantos coordenadores trabalham para o município?

R= 11 coordenadores.

3 – Quantos são pedagogos por formação?

R= 13 pedagogos.

4 – Quais os critérios para a escolha dos coordenadores?

R= Para ser coordenador no município, em primeiro lugar deve ser formado ou cursando pedagogia e que tenha experiência no exercício do magistério e além disso, o coordenador pedagógico deve ser um profissional comprometido em promover a melhoria do ensino aprendizagem e deverá ser o articulador do projeto político pedagógico da instituição para que a escola cumpra sua tarefa de propiciar ao educando o seu desenvolvimento como ser humano pleno, capaz de assumir sua cidadania com responsabilidade.

5 – Como é trabalhada a questão do projeto político-pedagógico nas escolas?

R= O projeto político-pedagógico das escolas municipais foi realizado de forma democrática, onde teve uma participação ativa dos pais, alunos, funcionários de apoio (guardas, merendeiras e serventes). A participação da comunidade foi relevante, pois só assim, resgatamos a coletividade dentro das ações educativas. O PPP está inserido dentro do PDE com uma durabilidade de dois anos (iniciamos em 2002 e finalizaremos em 2004). A finalidade específica deste projeto foi de contribuir na transformação educacional do município no sentido de erradicar as práticas autoritárias e individualistas que existiam dentro deste sistema educacional, acreditamos que o nosso objetivo foi alcançado.

6 – Neste município temos vários profissionais da educação (pedagogos) que forma e estão sendo formados por cursos conveniados (PMSFX/Faculdade), como UNAMA e UVA, quantos atuam hoje na educação e em que área?

R= São 13 profissionais da educação que cursaram pedagogia pela UNAMA, 130 estão cursando pela UFPA e UVA, porém somente 125 desses profissionais estão atuando no sistema educacional municipal.

7 – No seu ponto de vista, qual a importância do pedagogo para a educação?

R= A educação é como se fosse uma orquestra sinfônica que necessita de um maestro e eu considero este maestro o pedagogo, pois, ele é quem assume as principais funções dentro da unidade de ensino, como administrador, orientador e coordenador, ele é a peça fundamental para que possamos formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres. O pedagogo trabalha tanto com o aluno quanto com o professor, combatendo tudo aquilo que desumaniza a escola como: autoritarismo, evasão, repetência, exclusão e discriminação, é neste sentido que o pedagogo assume o papel de suma importância dentro da escola, pois é na sua pessoa que está centrada a possibilidade de eficácia do processo educativo.

8 – Que profissionais assumem a gestão escolar no município?

R= Na zona urbana 60% dos gestores são profissionais formados em pedagogia ou disciplina específica, 40% estão cursando pedagogia. Na zona rural 100% estão cursando pedagogia.

**Diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental (Neuma)
Escola com 750 alunos e 43 professores.**

1- Qual a sua formação e em que instituição estudou?

R= Eu tenho somente o magistério e o meu ensino fundamental eu cursei aqui, todo nesta escola, Marechal Rondon mesmo, e o 'ensino médio na escola Carmina Gomes, então assim, fiz contabilidade primeiramente (curso técnico) e após, mais três anos no magistério.

2 - Qual cargo você ocupa?

R= Eu ocupo a diretoria.

3 - Quais as maiores dificuldades encontradas no seu trabalho?

R= A maior dificuldade está sendo assim, sempre foi a falta de acompanhamento dos pais em relação a seus filhos e este ano 2004, uma das maiores dificuldades, acho que todas estão sentindo, foi em relação a greve, foi muito conturbada, então o clima voltou péssimo, péssimo, nossa está muito difícil sabe, quebrou assim o encanto que existia, está muito complicado mesmo.

4 - O que você está tentando fazer para minimizar esta situação?

R=Eu assim, reuni apesar de que, quando foi para reiniciar, o próprio SINTEPP pediu que tentassem para que tudo voltasse ao normal, fazer o possível para que voltasse a ser como antes, mas infelizmente tem certas pessoas, certos profissionais que não cumpriram e que ficam criticando eu própria, outras pessoas que não estavam na greve, como alguns professores não estavam, não aderiram, eles foram criticados, não deixa de existir, piadas em relação a isso, e assim, parece que nós diretores, eu estou me sentindo assim, a minha presença está assim, quase inútil, se não for eu usar de autoridade mesmo, eu simplesmente estou fazendo o que eu não fiz ainda este ano, porque eu só tenho um ano de diretora, no outro eu fui secretária geral, então eu estou usando de autoridade, coisa que eu nunca usei, para tentar manter a situação no controle, por que falam muita coisa, tem professores que querem assim, fazem seus próprios horários, assim como se não fosse necessário uma diretoria, um secretário geral e um calendário a ser seguido, aí, combinam assim, ah! Vamos faltar e eu vou subir as aulas de fulano, chegam a hora que querem, e eu tenho que usar de autoridade.

5 - Quantos coordenadores trabalham na escola?

R= só uma, a coordenadora da escola está de licença, ela é formado em pedagogia, pela UNAMA.

Entrevista 2: na Escola de Ensino Fundamental - Marta

1 - Qual a sua formação e que cargo ocupa?

R= a minha graduação é pela UNAMA, em pedagogia e a minha pós-graduação é pela FIAMPARO, que são as Faculdades Integradas de Amparo onde fiz psicopedagogia. E atualmente sou diretora.

2 - Como você acha que o pedagogo é encarado pelos colegas (na escola e fora dela)?

R= Olha, o pedagogo, ele não é muito bem visto, porque a gente ouve muita critica, e que o pedagogo só sabe brincar, fazer dinâmicas, bater palminha, brincadeiras, é essa a formação do pedagogo ele só serve pra fazer brincadeira, pra inventar projetos, então eu acho que a gente não é muito bem visto não, tenho certeza.

3- Quais as maiores dificuldades encontradas por você na sua profissão?

R= Olha atualmente, no cargo que eu estou exercendo, as dificuldades são mais financeiras, porque às vezes a gente tem vontade de executar algum um trabalho, mas a gente não consegue exatamente por falta de dinheiro, de material que nem sempre a gente tem, a dificuldade mesmo é financeira, com certeza.

4 - Você acha que a sua formação é importante para que realize um bom trabalho na escola?

R= Eu tenho certeza que sim.

5 - Você se sente realizada na sua profissão?

R= Até onde é possível eu desempenhar o trabalho que eu penso, eu me sinto realizada sim, e no que diz respeito ao impossível que é o que envolve a questão financeira, às vezes até a permissão do meu chefe imediato, com certeza eu não me sinto realizada, porque mas são coisas que independem de mim, porque é por isso que eu digo que até o ponto que depende de mim, eu me sinto realizada sim, com certeza, porque eu sei, pra mim, no meu ver, eu faço tudo que está ao meu alcance, eu me acho um pouco suspeita pra falar de mim mesma, mas eu me acho uma pessoa muito esforçada, corro atrás do que eu quero e o que eu não faço é porque independe de mim.

6 - Quantos coordenadores trabalham na escola?

R= é apenas uma coordenadora, que ela dá assistência de 1ª a 4ª série e ela está cursando pedagogia pela UFPA.

7 - Quantos professores trabalham de 1ª a 4ª série?

R= De 1ª a 4ª série são dez professores, eles tem várias formações, tem uma que fez geografia, ela é formada em geografia, uma maioria tem apenas o magistério, mas todos tem o magistério e tem algumas que estão cursando, tem uma que está cursando letras, tem uma formada em história também e nós temos duas que estão cursando pedagogia.

8 - Como é elaborado o PPP na escola? Conta com a participação da comunidade?

R= Olha, o ano passado foi trabalhado o plano político pedagógico, o ano passado não, o ano de 2002 e foi feito com total participação da comunidade escolar, ele foi elaborado para funcionar durante 5 anos, então a gente ainda está contemplado por este período.

9- Em termos financeiros, você acha que o pedagogo é bem remunerado?

R=Não no cargo que exerço atualmente, pois trabalho três períodos e a gratificação por escolaridade que eu recebia, foi cortada. Com relação a diferença salarial dos outros cursos para o de pedagogia, neste município não existe, pois um pedagogo que exerce o cargo de coordenador trabalhando 200 horas, recebe salário compatível ao de um matemático, por exemplo que trabalha a mesma carga horária.

Entrevista 3: na Escola de Ensino Fundamental com a coordenadora - Tânia

1 - Qual a sua formação e que cargo ocupa?

Eu fiz graduação em pedagogia, pela UNAMA, e fiz a pós na FIAMPARO em Psicopedagogia, o meu cargo é coordenação, acumulo duas funções, trabalho com a supervisão e orientação, supervisão a gente trabalha direcionado aos professores e a orientação é com os alunos.

2 - Na sua opinião, como o curso de pedagogia é encarado na escola e fora dela?

R=É uma possibilidade de conhecimento pra o professor, onde ele tem toda uma orientação básica de como trabalhar com crianças, valorizar as fases em que a criança passa, no entanto, o pedagogo dentro da escola é considerado como um fiscal, é aquele que fiscaliza todos os males da escola, ele é visto não como aquela pessoa que sugere, mas uma pessoa que está fiscalizando, tanto o plano de aula, como o comportamento das crianças na sala de aula, que eu acredito que seja de suma importância para que aja aprendizado, a pessoa tem que ter domínio de classe e tem que ter um relacionamento de parceria com os alunos, no entanto, a gente vê que está comprometida esta questão, porque nós temos uma geração complicada de relacionamento, a família em si, ela não está sabendo lidar com a geração do século XXI, e o pedagogo de uma certa forma, aquele que trabalha com a supervisão, ele é visto como fiscal, é frustrante para mim, como supervisão, porque eu acredito que os nossos ideais de pedagogos, não está em consonância com os professores, fica comprometido o nosso trabalho, porque a gente não consegue trabalhar sozinhos, as sugestões são dadas, e aqueles que cumprem com aquele compromisso, de reuniões pedagógicas, a gente vê uma certa modificação de comportamento nas crianças, agora aqueles que não, infelizmente fica comprometida e a gente pra não de uma certa forma não comprometer as relações humanas a gente tenta passar por cima de muitas coisas.

3- Quais as maiores dificuldades encontradas por você na sua profissão?

R= Eu acredito que, neste momento, seria a parceria entre a família, o professor e a coordenação da direção da escola, não é a coordenação, é da direção da escola, aqui na escola eu sou felizada, porque eu tenho uma sala pra ficar, tenho espaço pra conversar com os alunos em particular, mas eu tenho colegas que estão na coordenação pedagógica e não tem este espaço, um ambiente propício para conversar com o aluno, já que a gente acumula duas funções, então eu acredito que está faltando esse espaço com uma certa estrutura, porque não adianta a gente querer fazer algo se a gente não tem uma estrutura, eu fiz especialização em Psicopedagogia e eu vejo que a gente tem que ter um aparato de coisas, pra que eu possa estar fazendo um trabalho direcionado com os alunos, eu acredito que as duas funções fica comprometida também, se acumular duas funções, porque hoje nós temos as crianças que tem dificuldades de aprendizagem, tem criança que tem dificuldades de relações e isso aí é considerado pela nossa estrutura hierárquica de MEC, Secretaria Estadual de Educação e Secretaria Municipal, que essas crianças são portadoras de necessidades especiais e requer um trabalho diferenciado, a

inclusão social, que antigamente a gente entendia de inclusão como se só aquele que tinha deficiência física, deficiência psicológica, deficiência visual, auditiva, e a gente já entende hoje, devido as leituras que eu já fiz, palestras que eu já assisti, orientação que eu tive com professor de especialização, a gente vê que não é só isso, tem pessoas que não aprendem porque tem dificuldades de aprender, tem pessoas que não conseguem se comportar, porque tem dificuldade de se comportar, porque eu acredito que as regras do grupo tem que divulgado para os alunos, eu coloco como exemplo o jogo de futebol hoje, a gente vê que dá muita briga, por quê? Porque lá é um grupo, e esse grupo precisa estar em consonância com as regras daquele jogo, e aí a criança, ela não respeita a função do goleiro, a função do atacante, eu acredito que está faltando que seja trabalhada a questão do respeito, porque a gente trabalha com pessoas, eu estou colocando como exemplo o jogo de futebol, porque eu acredito, são doze pessoas de um lado e doze de outro, onze ficam dentro do campo e um fica na trave e se eles não trabalharem bem, o que acontece, eles vão perder o jogo e a nossa vida é um jogo, se a gente não souber lidar com essas situações a gente não vai saber trabalhar, principalmente o professor ele não vai ter condições de trabalhar, porque dentro da sala de aula também é um jogo, nós temos os nossos grupos os nossos doze jogadores, os nossos quinze jogadores, os nossos vinte e cinco jogadores, porque a realidade da escola hoje é complicada, porque depende do número de alunos que tem em sala de aula, depende de várias realidades, se a gente não está preparado...

4- você acha que a tua formação te ajuda a realizar um bom trabalho?

R= com certeza, mas eu acredito que não foi só a instituição que, eu não atribuo só a instituição de ensino, seja UNAMA, UFPA; seja FIAMPARO seja qualquer instituição, mas depende muito da gente mesmo, porque eu acredito que as instituições elas dão as informações básicas e a gente tem que correr atrás não adianta ficar o meu professor de disciplina, ele me dá toda orientação que ele acha necessária, e se eu não for atrás de leituras suplementares, pra que eu possa tirar as minhas conclusões, estabelecer parâmetros não adianta que pode ser qualquer instituição, de conceituado nome, se a gente não correr atrás e estar se informando a gente não vai conseguir nada, eu acredito que as informações

preliminares, aquelas que teve nas discussões ,na faculdade, aquelas que o professor promoveu, ali especialmente na faculdade, tanto as que o professor promoveu dentro da sala de aula, elas são informações básicas, mas a que vai complementar a sua vida no dia-a-dia do trabalho, é com pessoas, na sua formação e a questão das leituras que você faz, do filme que você assistiu, palestras que você assistiu, conversas que você assistiu, entendeu, acho que a instituição dá as informações básicas o resto tem que correr atrás, porque tem muita coisa que por mais que a gente discuta, leia muito, se dedique nas discussões, a gente tem que estar correndo atrás, por este fato que conhecimento, a gente nunca tem que ter uma coisa assim fechada, eu aprendi, acabou, pois todo dia a gente aprende alguma coisa e este é meu pensamento pessoal, porque tem pessoas que falam de instituição, ah, essa instituição é melhor do que a outra, eu não, eu respeito todas elas.

5-Você gosta do que faz, se sente realizada na sua profissão?

R=Eu comecei na área de magistério e era o que eu, eu acho assim que a gente é de uma geração de pessoas em que a mulher tem que ser professora, eu sou desta geração, eu não sou tão velha assim, mas eu sou desta geração em que a minha

mãe dizia, não minha filha, você tem que ser professora, mas eu me realizei muito e até hoje estou me realizando na área de educação, mas eu não posso te dizer que eu tenho conhecimento de outra área, eu tenho vontade de partir para outra área pra conhecer outras coisas, mas até agora eu me realizei em parte na área de educação, eu penso hoje que a área de educação não se faz sozinha, pra mim isso é uma frustração, porque nós professores temos a tendência de querer salvar uma situação, salvar uma situação da família, do menino que é danado, do menino que tem dificuldade de aprender, temos a tendência de querer salvar ele, eu sou o salvador da pátria, no entanto a gente sabe, hoje eu tenho a consciência que eu não vou chegar a lugar nenhum se não tiver essa parceria, dos pais, da família, da própria sociedade, as informações que a escola traz, pra mim hoje ela não pode ser escolarizada, aquele assunto a gente trabalha só na escola, tem que ser um assunto em que a criança possa vivenciar em seu dia-a-dia e em sociedade e aí quando ele chega na sociedade, a sociedade recebe ele de qualquer jeito, uma série de coisas, uma série de frustrações em caixa do querer salvar e a gente não consegue porque outros fatores interferem.

6 - Quantos professores trabalham na escola de 1ª a 4ª série?

R=Nós temos 7 professores, 8 com a professora de leitura, porque na escola nós temos uma pessoa específica para trabalhar com reforço na leitura, porque a gente teve no início da administração em 2002 até agora, pensou-se em atacar na questão do grande número de repetentes na 1ª série, então pensou-se em colocar uma turma de reforço escolar. Dessas 8 professoras, 3 professoras estão cursando pedagogia, 1 na UFPA e 2 na UVA, as outras só tem o curso técnico em magistério.

7- E o projeto político como tem sido feito? Conta com a participação da comunidade?

R=Quando nós iniciamos o PPP, convidamos todos os pais, professores, funcionários da escola, em grupos diferentes, para discutir, para divulgar a importância do ppp na escola, no entanto a gente observa que ele perdeu de vista a parceria da família, do próprio professor, porque de certa forma, muitos estão, julgam que vão ficar, é desperdício, carga horária é alta e não tem como ficar, mas a gente procura de uma certa forma, pegar algumas ações que foram desenvolvidas para estar no dia-a-dia, pra estar colocando em prática, nós já tivemos a oportunidade de fazer palestras, que é uma das ações que o PPP coloca dentro de sua estrutura semântica e algumas coisas nós temos colocado em prática, mas não com as pessoas responsáveis, com as pessoas que ficaram responsáveis pra dirigir aquela ação mas pelo serviço de orientação pedagógica, que a direção colocou dentro de sua estrutura quando tem tempo de desenvolver e aí aos poucos a gente está colocando, a gente viu palestras, a gente viu a lição dos resgates de valores, solidariedade, respeito, companheirismo, nós colocamos também a questão da palestra da escola, tanto com os pais, com os alunos e a gente, os professores, eles sentam pra ver, mas não de estar se reunindo pra avaliar, entendeu, ah, nós colocamos esta ação dentro do PPP, mas a gente não reúne, esta é a diferença, porque eu acho importante, as pessoas que estão responsáveis pelo PPP, pelas ações desenvolvidas dentro da estrutura, é que ele se direcionasse, essa é minha opinião, no entanto, uma pessoa um dia pega, no outro dia outra pega e aí não fica uma coisa organizada, eu acho que a organização fica comprometida, entendeu, então julga-se que por eu ser a coordenadora do PPP, aí tudo sobrecarrega sobre mim, aí aquilo que a gente vai tentando salvar a gente salva, eu acredito que está faltando

também a parte da minha motivação, eu avalio também a questão da motivação e da motivação das pessoas responsáveis pelas ações que são colocadas no nosso PPP e também a gente vê a questão do próprio compromisso, das pessoas que ficaram responsáveis, eles não procuram, não procuram saber quais foram as ações, talvez por falta de conhecimento, porque tem 3 professoras de 1ª a 4ª série que estão fazendo o curso superior, nós temos mais a noite porque o ensino fundamental, o EJA, a noite e tem outros formados, no entanto não está tendo esta interligação do turno da noite com o turno do dia.

8 - Tem sido muito discutido hoje em dia, por estudiosos e profissionais da área, a questão da desvalorização do curso de pedagogia. No seu ponto de vista, qual é a importância do pedagogo na escola?

R= É complicado, eu já ouvi muitas críticas e porque julgam que o curso de pedagogia ele vê muitas disciplinas, ele não direciona seu alvo de conhecimento, nós vimos filosofia, psicologia, tudo dentro da área de educação e aí segundo as críticas, eu já li, já ouvi muitas palestras, lá eles falam que a gente fica pegando um pouquinho de tudo a gente não direciona nosso pensamento pra uma determinada coisa, pra uma determinada direção, o nosso direcionamento é em vários campos, mas eu acredito, não porque eu sou pedagoga, não porque eu seja pedagoga, mas eu acredito que nós seres humanos, nós temos que ter conhecimento de tudo um pouco, infelizmente as pessoas desvalorizam o curso de pedagogia, mas eu acredito que as oportunidades que o curso oferece na formação de consciência é muito grande, visto que dentro das outras áreas não querendo dizer que eles também, não querendo fazer a mesma coisa que eles fazem com o curso de pedagogia, mas eles direcionam o pensamento deles pra uma única coisa, quando a gente trabalha dentro da área de educação quando a gente trabalha com pessoas, não pode ter só essa visão fechada, porque eu coloco como exemplo o professor de matemática, se ele for considerar só questões numéricas, ele vai de uma certa forma desvalorizar o porque daquelas grandes quantidades de pessoas estão tristes, o porque da grande quantidade de pessoas estão desempregadas, ele só vai se importar com a quantidade de pessoas que estão desempregadas ele não vai se importar com o porque, e nós temos diversas formas de questionar isto, pode ser porque o profissional não está habilitado, pode ser por ele não ter compromisso, pode ser por questões de saúde, pode ser por questões de oportunidade e os matemáticos eles se preocupam muito com a questão dos números, ah, tem não sei quantos milhões de desempregados. Ah, tem um numero de pessoas analfabetas, eles não se preocupam com os porquês da questão e eu acho importante, acredito que o pedagogo, por ele ter essa visão ampla da coisa ele tem a oportunidade de ver a questão filosófica que é os nossos ideais, a questão psicológica que é a questão dos comportamentos da pessoa, as questões sociais que podem ser as desigualdades e nós temos esta visão ampla, não estou querendo dizer que as outras áreas não tem a sua importância ela vai somar, mas eu acredito que o pedagogo, que a formação do pedagogo ela vem de uma certa forma complementar aquilo que o colega não vê, ou a pessoa que é formada em áreas específicas não vê a gente pode complementar aquilo com ele, pra estar comentando, discutindo, sugerindo, de uma forma diferenciada. Quando a gente vê assim a questão da privatização das instituições governamentais, quando se refere a órgãos é complicado, porque sempre estas decisões são tomadas sem ouvir a opinião da grande maioria, talvez a grande maioria, o grande grupo de pessoas, e talvez por eu acreditar, por eu acreditar que pessoas discutindo eles encontram uma solução,

melhor estruturada, melhor elaborada e vai ter menos problema, o difícil é coordenar essa situação, porque quando a gente junta pessoas pra sentar e discutir um tema, cada um quer defender a sua causa, este é o grande problema de ter que estar aberto pra estar juntando um pouquinho das sugestões, e eu acredito que as questões das privatizações, principalmente na área de ensino que é a nossa área, eu acho que está faltando ouvir pessoas, na hora de modificar, porque isso aí é uma grande modificação e essas grandes modificações elas tem os seus prós e seus contras, elas tem seus problemas e tem suas soluções, eu acredito que quando vai mexer com grandes quantidades, tem que ter bastante cuidado pra não ficar probleminha aqui e outro ali e talvez aquele ideal que ao se pensar inicialmente fosse pra melhorar, se torne um problema que para o resto da vida vai se alastrando e tem controle, eu penso assim.

Entrevista com a diretora da escola de Ensino Fundamental – Marly

1- Qual a sua formação e qual o cargo que ocupa?

R- Olha, a minha formação, me formei em geografia, só foi em licenciatura plena, o que a gente conseguiu, ainda não fizemos nem o bacharel, ficou para o final deste ano, que eu não sei nem como vai ficar, fiz pela UFPA e o cargo que exerço agora é o de diretora que já está findando, mas a minha profissão mesmo é professora.

2 - Quais as maiores dificuldades que você encontra no seu cargo?

R- Bem, a dificuldade que eu encontrei nestes quatro anos, não foi aquela coisa assim, porque eu estou trabalhando com uma equipe muito companheira, a gente troca experiências, eu não sei de nada, elas também não sabem e sempre a gente está ajudando naquilo que pode, eu recebo muita ajuda, então eu não tive muitas dificuldades, dificuldades assim é pra trabalhar porque a gente não tem recursos pra trabalhar, mas em termos de administrar, não é tão, não foi, não está sendo difícil.

3 - Você acha que a tua formação de alguma forma de ajuda ou atrapalha no seu trabalho, já que fizeste geografia e trabalha na área de gestão escolar?

R- É bem diferente, um pouco, atrapalha um pouco sim, igual eu falei eu sempre estou buscando as vezes coisas que às vezes eu não estou interada naquilo, mas eu busco é o caso da Tânia (coordenadora) que ela já é formada, então atrapalha sim.

4 - Você gosta do seu trabalho?

R- Gosto, gosto mais , assim estes quatro anos que fiquei na direção, eu gosto mais desses quatro anos que eu fiquei na direção do que na sala de aula, eu estou sendo bem sincera quando eu falo isso, sala de aula que eu me realizo tanto quanto na direção, gostei.

5 - Fale-me um pouco sobre a elaboração e importância do PPP na escola?

R- Sim a gente fez né? Com a Tânia, ela te falou também, não? Pois é, a gente tem trabalhado, é mais difícil mas a gente tem feito. Eu acho que o pedagogo na escola é de suma importância, se elas tem, também elas estão tendo informações, estão crescendo e transmitindo também, no meu caso que é geografia que eu fiz, então eu estou aprendendo também com ela, então eu acho que é super interessante, importante.

Entrevista com a diretora - Eliza

1 - Qual a sua formação e que cargo você ocupa na escola?

R=Bom, eu tenho dois cursos né, ensino médio; ensino médio eu tenho pedagogia e contabilidade, ah, eu já errei, (pausa) bem eu tenho dois cursos de ensino médio, contabilidade e magistério, eu estudei no colégio Santa Cruz, em Araguaína-To, agora estou cursando Pedagogia, pela UFPA e sou diretora.

2 - Quais as maiores dificuldades encontradas por você na sua profissão?

R=Bom eu já tive hoje, várias, bem as maiores dificuldades que eu já encontrei, dentro destes 7 anos e oito meses que estou nesta direção, foi em relação a alunos que já trazem consigo problemas de casa e acaba refletindo na escola. Como por exemplo alunos com famílias desestruturadas, que é um dos principais problemas, principalmente alunos de pais separados, esse é o ponto principal que eu encontro aqui, porque quando os pais são separados, nem sempre, claro que tem exceção, tem alguns alunos que os pais são separados e que eles são, ou que seja a mãe ou o pai, dá um apoio assim total, que não faz muita diferença e já, só que a maioria são os alunos mais problemáticos são estes de pais separados, é considerado um dos maiores problemas, é esse. Sem falar na questão de brigas, esse é um problema também muito complicado entre alunos, porque muitas vezes você fica sem saber como agir e se você não pensar bem para resolver o problema, muitas vezes você resolve e depois descobre que você resolveu errado, então tem que ser muito bem investigado, muitas vezes você tem que fazer o papel de psicólogo, de analista, você tem que, por isso esse problema aqui, eu já descobri aqui na escola, é... pais que maltratam os filhos na própria casa, no caso com a família toda, não é só por ser pais separados como eu citei aqui antes, como tem exceção de família também, aqui mesmo no nosso bairro, aconteceu um problema aqui na escola já tem uns três anos, eu conversando com um aluno, ele brigava sempre e tinha assim, só que ele tinha um ódio tão grande dentro dele, que ele batia nos meninos o tempo todo, aí quando ele, eu fui conversar com ele, eu pedi pra ele, eu falei pra ele assim:- se seu pai chegasse em casa todo dia, e ao invés dele brincar com você, conversar, é, ele fosse chegando e te espancando, você acharia bom? Ele disse assim:-Quem disse pra senhora que meu pai brinca comigo? E as lágrimas pingaram e aí, então, são vários problemas, sem falar assim, só não em brigas, mas também problemas igual esses dias, nós discutimos problemas, assim, você tem que estar sempre buscando, sem saber qual a forma de resolver, alunos que aparecem assim, você está vendo sempre meninos com 7 e 8 anos sempre com muito dinheiro, aí você fica preocupada, de onde está vindo esse dinheiro? Como eu vou resolver? Aí você vai, você encontra um bloqueio, principalmente quando se trata de dinheiro, então, assim, são vários, são n problemas que a gente encontra, mas assim, os principais são esses, as brigas e as desestruturas familiares que é o que mais está ocorrendo aqui.

3 - Você acha que a sua formação lhe ajuda a encontrar soluções para este problema?

R= E muito, muito, porque você, você como também está fazendo pedagogia né, a gente aprende tanta coisa, que a gente pensa assim, não, a gente fica assim tão

feliz quando se depara assim com uma disciplina que ajuda muito, eu mesma, depois que eu comecei a fazer, a cursar pedagogia, eu to vendo a minha mente assim, bem mais aberta, porque a gente vai aprendendo, né? A gente tem que ficar em constante aprendizado, porque senão vai ficando para trás.

4 - Você se sente realizada na sua profissão?

R=Quanto a ser realizada na profissão, eu posso disser que sim, aí é entra "aquele" problema, só não realizada financeiramente, mas emocionalmente eu sou sim, e muito mesmo, eu trabalhei, acho que é até bom citar, pra você, eu trabalhei 9 (nove) anos na Telegoiás, trabalhei em um escritório de contabilidade durante 2(dois) anos, porque eu fazia o curso de contabilidade (técnico), eu pensava que eu tinha vocação, porque eu mexia muito com dinheiro na Telegoiás e gostava muito da parte financeira e por isso eu cursei contabilidade, depois, é antes, foi antes de entrar na Telegoiás que eu trabalhei no escritório de contabilidade, mas eu ví que não tem nada a ver comigo, agora na Telegoiás, eu sim, eu pensava que eu era realizada e quando eu cheguei aqui e me convidaram várias vezes para trabalhar em escolas, eu pensava que eu não tinha vocação, depois, assim, por uma necessidade é que eu vim trabalhar numa escola e eu descobri que foi, a principal, o meu ponto fraco é aqui mesmo, é o que eu gosto, foi aonde eu me encontrei, realmente, eu me realizei, tanto que eu sinto assim, quando você falou em parte financeira, a gente não lembra. Porque se você ficar lembrando, aí você vai ver que o seu tempo vai passando e você ta perdendo financeiramente, mas só que compensa, a parte que, é muito compensativo, no caso você trabalha com seres humanos, com vidas, mas é muito gratificante, igual hoje de manhã, eu ganhei uma flor... eu estava tão pra baixo... eu encontrei logo uma briga ali na esquina e o Zé veio me deixar aqui, e ele foi ajudar a chamar a atenção dos meninos, falando assim até que ia chamar a polícia, porque tinha menino de fora, adulto, brigando, batendo nos meninos pequenos, aí ele disse assim:-Ah, porque eu não tenho medo de polícia, eu não tenho medo de ninguém, de juiz, não tenho medo de ninguém. Aí então eu vim tão nervosa, fiquei tão pra baixo, peguei os meninos e coloquei pra dentro, os que eram daqui, os outros ficaram pra lá e quando eu cheguei aqui dentro uma menina me falou:-Tia, eu tenho um presente pra você. Escondido, sabe? Aí ela me deu uma flor, ah, parece que eu... (risos) então, uma simples coisa, que faz a gente ficar assim, tão feliz.

5 - E já que você tocou no assunto financeiro o que você como gestora de uma escola acha da remuneração dos profissionais da educação?

R= De forma alguma, não somos bem remunerados, só que é por isso que não é nem bom tocar neste assunto, porque é... péssimo, se for pensar financeiramente, até ontem mesmo nós comentamos ali, qualquer pessoa que trabalha, não precisa ter nenhuma formação, ele vende, qualquer coisa na rua, eles vendem espetinho, eles vendem, o salário deles pode saber que é bem maior que o nosso, até vendedor de picolé. Então não é nem bom tocar neste assunto, é só porque é gratificante, mas financeiramente é péssimo, não pode nem pensar.

6 - E você como diretora, como vê a atuação dos pedagogos na escola?

R=É, está crescendo não é? Eu vejo assim, que a partir que foi surgindo assim, porque aqui não tinha né pedagogos, mas depois que começou a surgir pedagogia assim, para os professores que começaram a se capacitar, a gente vê, um desenvolvimento bem diferente, apesar dos pesares né, surge uma coisa e outra

diferente também, mas a pedagogia em si é excelente, pra quem está na área de educação, eu acho um dos melhores cursos de formação, pra quem está, sem falar, é lógico não desfazendo dos outros cursos, é lógico que precisa, mas o pedagogo tem realmente, abrange várias áreas, porque parece que o pedagogo, ele já é um pouco de psicólogo, ele já entra, ajuda bastante.

Entrevista com a coordenadora - Vânia

1 - Qual sua formação e que cargo você ocupa?

R= Tenho o 2º grau em magistério (completo) e o 3º grau em licenciatura plena em Pedagogia (incompleto), cursado até o 5º período. Fiz o 1º e 2º grau em instituições públicas e estou no 3º grau pela UFPa (curso "pacote"). Trabalho na coordenação pedagógica.

2 - Como o pedagogo é encarado por seus colegas (na escola e fora dela)?

R= Por mais que tentemos trabalhar em conjunto, percebe-se ainda, uma divisão e uma falsa classificação em "mais" ou em "menos" destacados no seu desempenho. Na sociedade somos vistos como pessoas que tem sua auto-estima elevada e com valor social (em status) grande, porque quem nos rodeia acredita que queremos ser diferentes, mais inteligentes e que a qualquer custo quer mudar o mundo. Na escola, quando se tem uma boa interação, somos vistos como companheiro; já quando o pedagogo se isola, se distancia dos educadores, é visto como alguém que se julga maior e melhor.

3 - Quais as maiores dificuldades encontradas por você na sua profissão?

R= A falta de participação dos pais na escola e a carência de recursos pedagógicos, já que se depende muito da questão financeira.

4 - Você acha que sua formação lhe ajuda a superar as dificuldades encontradas no dia-a-dia em seu trabalho?

R= Acredito que melhorei muito, porém por ainda não ter concluído meu 3º grau – nível superior – possuo muitas dificuldades, até porque esta conclusão não é o cume do conhecimento.

5 - Você se sente realizada na sua profissão?

R= Na profissão, no sentido de escolha própria – realização – me sinto satisfeita, porque este era meu sonho, ser uma educadora. Agora no nível de formação, não sou "ainda" realizada.

6 - Você acha que o trabalho do pedagogo é bem remunerado?

R= Não respondeu.

Entrevista com a Coordenadora Escolar

1 - Qual sua formação e que cargo você ocupa?

R= A minha formação é pedagogia, eu estudei na UNAMA que é a Universidade da Amazônia, ocupo atualmente o cargo de orientadora pedagógica, embora no momento esteja de licença.

2 - Como o pedagogo é encarado pelos colegas (na escola e fora dela)?

R= O pedagogo eu entendo, eu vejo, percebo, no relacionamento com os colegas, principalmente os colegas que trabalham nas áreas, nas disciplinas de 5ª a 8ª série, que são as disciplinas específicas, eles nos vêem, vêem o pedagogo como um "bicho-papão", como um bicho-papão, ele pensa, que o pedagogo pensa que sabe mais do que ele e ele não aceita de certa forma ser orientado ou comandado por um pedagogo. Tanto que essa tensão entre os professores de 5ª a 8ª série, foi a principal responsável por não ter mais coordenadores trabalhando de 5ª a 8ª série, claro que também tem o fator econômico, pois eles trabalhavam coordenando por disciplinas e tinham que coordenar todas as escolas da zona urbana, tendo que planejar seu horário para poder acompanhar todas as escolas nas disciplinas por ele coordenadas e isto se mostrou difícil de conciliar, então ele acabava ficando em uma só escola, cumprindo horário e não dava assistência nas outras escolas, além de ser muito mais dispendioso. Estes professores de 5ª a 8ª série não aceitam bem a presença do pedagogo, por achar que eles tem a formação específica na área deles e que o pedagogo não sabe, não tem condições de orientá-los porque não teve a mesma formação que eles e na verdade, o pedagogo devia orientar assim, na parte didática, não na disciplina específica dele, o professor de história, por exemplo, o pedagogo não iria ensiná-lo a dar aulas de história, ou o conteúdo de história, mas orientar, dar suporte para que ele possa dar uma aula melhor, no setor pedagógico. Fora da escola, eu vejo, que as pessoas acham que o curso de Pedagogia, não é um bom curso, não é valorizado, o professor em geral, também não é.

Mas geralmente as pessoas, infelizmente não aceitam o curso, então de certa forma não aceitam a orientação do pedagogo.

3 - Quais as principais dificuldades encontradas por você na sua profissão?

R= Na área de orientação, as maiores dificuldades são o apoio, os recursos pedagógicos, o professor, na escola em si, ela é dotada de poucos recursos, poucos recursos financeiros, então se um professor ou orientador, elabora um certo projeto, ele tem que conscientizar que os recursos são escassos, pra colocar este projeto em prática, realmente ele tem que arcar por sua própria conta ou com os recursos do próprio professor, por mais que o projeto, requeira um valor mínimo para ele ser executado, mas a escola não dispõe, não dispõe. A outra dificuldade é em relação ao entrosamento entre orientação, orientador e diretor de escola, pois o diretor, ele imagina às vezes que o coordenador quer assumir o lugar dele, quando na verdade é o contrário, cada um tem o seu papel, tem a sua função, mas em alguns casos há uma certa divergência, dificulta muitas vezes o relacionamento

dentro da escola e dificulta o trabalho de orientação dentro da escola.

4 - Você acha que a tua formação te auxilia realizar um bom trabalho?

R= A princípio eu achava que, e também a idéia que muitas pessoas tem em relação ao curso de pedagogia, que não é um curso bom, mas pelo contrário, eu acho que pelo menos o curso que nós fizemos ele nos dá esse suporte ele é um curso que dá uma formação tanto na área de orientação, quanto na área de supervisão e gestão, então nós tivemos disciplinas voltadas para isso e manejo em sala de aula, então foi um curso bem amplo e eu acredito que o curso que nós fizemos ele nos dá esse suporte, dá um suporte teórico, que na verdade, o que é teórico, muitas vezes está bem aquém, do que quando a gente chega pra colocar na prática é bem diferente, mas um suporte teórico, muito bom este curso, ele fornece, o curso de pedagogia fornece para as pessoas que querem trabalhar na área de educação.

5 - Você se sente realizada na sua profissão?

R= Profissão é uma questão muito complicada não é? É complicado, muitas vezes, você vê o professor, muitas vezes ele adota esta profissão, muitas vezes por falta de opção, não é? Talvez no início tenha sido o meu caso também, comecei a dar aula assim, não sei, por conveniência naquele momento, em 92, 93 quando eu cheguei aqui, a primeira opção que surgiu foi essa, de dar aulas no Pássaro azul, naquela época e talvez naquele momento eu nem fizesse idéia de seria essa a profissão que eu queria, mas com o passar do tempo, com o entrosamento que eu passei a ter na sala de aula, e na escola, eu comecei a entender que era realmente era isso que eu queria e hoje eu não me vejo, mesmo que eu tenho uma outra, é exercer uma outra função, mas eu não me vejo não sendo professora, não me vejo mais não sendo professora, então eu adotei esta profissão como algo que eu realmente gosto, como uma formação, depois com o passar do tempo, eu resolvi fazer mesmo Pedagogia, eu tive oportunidade de fazer enfermagem, eu fiz o vestibular, passei e não fiz, fiz Pedagogia, tive que parar o curso, depois fiz o vestibular para matemática, comecei, não me adaptei, aí surgiu essa oportunidade de fazer Pedagogia, daí iniciamos e eu vi que era realmente aquilo que eu queria, eu me senti situada naquele meio, eu senti que a formação, que é a profissão que eu quero mesmo.

6 - Em termos financeiros, como você vê a questão salarial do Pedagogo? E se comparado a outros cursos, o que dizer?

R= Eu penso que essa é a parte mais triste que tem (risos) porque a gente se sente desvalorizado, quando a gente vai ver o plano de carreira e salários, a gente vê como o pedagogo, o professor em si, ele é desvalorizado então assim, dá uma tristeza, porque a gente passa o mesmo período, com exceção do médico, que ele passa seis anos, eu acho, ou até mais, mas os outros cursos não, são de duração de quatro a cinco anos, assim como o nosso curso também, aí no momento de estipular um salário para a gente, não é visto por esse lado, é como se fosse uma profissão menos valorizada, então a gente ganha menos, o que com certeza é uma injustiça e também, outra coisa, outros cursos, outras pessoas que tem outra formação que assume um cargo, geralmente ele recebe uma gratificação por nível superior, o pedagogo não recebe. O professor não recebe, aí vem uma justificativa que é porque o quadro é imenso, muita gente, tal, mais isso não justifica, o que justifica é que o nosso nível de formação é o mesmo, não é? Duração, tudo. Apenas em áreas diferentes, então é uma questão que, talvez seja a única coisa que me deixa chateada na minha profissão, é isso, a desvalorização que a gente tem, a

desvalorização do salário, infelizmente isso aqui ainda vai durar por muito tempo, eu penso que sim.

7 - E quanto ao Projeto Político-Pedagógico?

R= Quanto realizamos o PDE, que abrange o projeto-político-pedagógico, ele foi feito com a coordenação, direção e alguns professores, além de alguns pais, que participaram do diagnóstico, respondendo a questionários, mas na hora de passar para o papel mesmo, foi feito somente por algumas pessoas na escola. Mas infelizmente, esse plano para que fosse levado à ação, precisaria do apoio da direção, que depois de pronto, não abraçou esse trabalho, então ele é guardado, e pelo que sei, nenhuma das escolas utiliza-se dele, cumprindo o que foi planejado, é como se fosse apenas para dizer, se alguém perguntar, nós fizemos o planejamento. Mas ele não é levado à prática.

Entrevista com pedagoga da Equipe de Coordenação do município

1 - Qual sua formação?

R= Fiz Pedagogia pela UNAMA e especialização em Psicopedagogia pela PUC.

2 - O que você entende por profissional pedagogo?

R= Eu entendo, um trabalho voltado para a parte metodológica e didática. Até porque, quando saímos do ensino médio, saímos apenas com noções básicas para trabalhar com 1ª a 4ª série, mas quando nos defrontamos com a realidade, percebemos que aquilo que aprendemos no ensino médio é muito pouco para estarmos lidando com a realidade, sentimos uma necessidade enorme de ter novas visões, novas realidades, novos caminhos, novas direções – o que dá no mesmo – que só encontramos no curso de Pedagogia, pois é ele quem vai nos dar base, por meio das correntes filosóficas para estar implantando na sala de aula.

3 - O pedagogo tem o seu trabalho valorizado? Por que?

R= Quanto à valorização do pedagogo, eu acredito que sim. É valorizado pela Secretaria de Educação do município, porque o formado em Pedagogia sempre está sendo chamado para a parte técnica para estar desenvolvendo este trabalho junto aos outros colegas de profissão. Em outros âmbitos não.

4 - Há relevância no trabalho do pedagogo?

R= Acho com certeza que sim. Acredito que sim, como eu já falei, até porque, se o professor for cobrar do pedagogo a competência para estar ajudando a desenvolver o trabalho dele no processo de ensino aprendizagem, há diferença sim.

5 - Existe diferença ou não no trabalho desenvolvido pela orientação de um pedagogo?

R= Acho que sim, existe.

6 - A ausência ou presença de um pedagogo na escola interfere no desenvolvimento das atividades escolares? Por que?

R= Interfere na questão de melhorar o desenvolvimento pedagógico.

7 - Como será trabalhada e organizada a coordenação escolar? Qual sua opinião a respeito?

R= É uma equipe técnica pedagógica integrada, formada por três pedagogos, para dar apoio a 5 supervisores da zona rural, porque os supervisores não sabem como trabalhar a questão metodológica, que é este o trabalho da equipe, fazer a formação dos supervisores para que eles repitam nas escolas multisseriadas. Nós vamos montar um cronograma de assistência pedagógica mensal, que será trabalhada por horário na zona urbana, três escolas pela manhã e três à tarde, para que possamos dar conta. Não sei se a equipe vai assistir só de 1ª a 4ª séries ou se também vai assistir 5ª a 8ª séries. Na minha opinião, esta organização, ela não está bem definida, direcionada, tenho uma preocupação enorme com relação a algumas particularidades. Eu não sei qual a intenção da Secretaria de Educação, até porque, em algumas escolas, a coordenação (como era antes) não deu certo, ficou falha. Da

forma que será trabalhada, eu acho que há uma perda, porque o pedagogo não vai estar no dia-a-dia escolar e também vai ser uma tentativa, se não der certo...temos que tentar, o que não pode é ficar estagnado.